

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL

MARGARETE PEREIRA BOSA

BIODANZA E O DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL AFETIVO
COMO CAMINHO PARA A TRANSFORMAÇÃO
INDIVIDUAL E COLETIVA

MATINHOS
2013

MARGARETE PEREIRA BOSA

BIODANZA E O DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL AFETIVO
COMO CAMINHO PARA A TRANSFORMAÇÃO
INDIVIDUAL E COLETIVA

Monografia apresentada para obtenção do título de Especialista em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar, Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral.

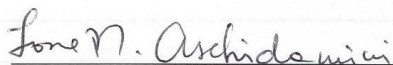
Orientadora: Prof.^a Msc. Ione Maria Aschidamini

MATINHOS
2013

PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pela Orientadora, Professora Mestre **IONE MARIA ASCHIDAMINI**, realizaram em **20/12/2013** a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **MARGARETE PEREIRA BOSA**, sob o título "**BIODANZA E O POTENCIAL AFETIVO COMO CAMINHO PARA A TRANSFORMAÇÃO INDIVIDUAL E COLETIVA**", para obtenção do Título de *Especialista em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar* pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo a estudante recebido conceito "**APL**".

Matinhos, 20 de dezembro de 2013.



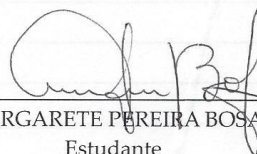
Prof. MSc. Ione Maria Aschidamini



Prof.ª. Dra. Helena Midori Kashiwagi



Prof.º Msc. Rodrigo Rosi Mengarelli



MARGARETE PEREIRA BOSA
Estudante

Conceitos de aprovação

APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação

APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

OBSERVAÇÃO:

CASO O(A) ESTUDANTE SEJA ORIENTADO(A) A REFORMULAR SEU TRABALHO, DEVE-SE REGISTRAR NO VERSO OS REQUISITOS APONTADOS PELA BANCA PARA O ACEITE FINAL DO TRABALHO.



À Zucélia (Céinha), minha amada mãe, por ser a base afetiva de nossa família e por continuar, aos 81 anos de vida, ajudando crianças com dificuldades de aprendizagem na escola. Sua pedagogia... o afeto.

Ao meu pai Pacífico (*in memoriam*) com gratidão por seu empenho para fazer-me chegar à Universidade

AGRADECIMENTOS

Sou muito grata à vida pela oportunidade da realização deste curso e pelas possibilidades que se abrem em decorrência.

Ao Flávio, amor companheiro, por incentivar-me sempre, por acreditar em mim e por fazer-me crer que tudo daria certo ao final.

Aos companheiros e companheiras de curso, por todas as experiências vividas e pelos saberes compartilhados. Agradeço em especial às parceiras Aparecida e Terezinha, por seu companheirismo e estímulo para que eu concluísse este trabalho.

À Prof.^a Ione, por aceitar a orientação deste trabalho, por seu ser gentil e amoroso e pelos estímulos recebidos que me ajudaram a seguir em frente.

Aos Professores deste curso pela dedicação, paciência e compartilhamento de saberes.

À amiga Graciela que tão gentilmente aceitou fazer a tradução do Resumo deste trabalho para o espanhol.

À amiga Cláudia por sua disposição para ler este trabalho e dar a sua contribuição.

A todas as pessoas, cujas ações são uma torrente de amor e de compromisso com o cuidar da vida em todas as suas formas de manifestação.

A Rolando Toro pelo legado da *Biodanza* que nos coloca diante da vida com respeito e reverência.

Não basta libertar o ser humano de sua miséria econômica. É necessário também libertá-lo de sua miséria afetiva, de sua pobreza criativa e de sua incapacidade de desfrutar o prazer de viver.

Rolando Toro

RESUMO

A presente monografia tem como tema central a *Biodanza* e sua relação com a afetividade e a transformação social. O objetivo geral deste trabalho é possibilitar uma reflexão sobre o potencial do Sistema *Biodanza* como instrumento de transformação social, a partir da contribuição fundamental para o desenvolvimento do potencial afetivo do ser humano. Apresenta como um dos objetivos específicos refletir sobre a influência do desenvolvimento do potencial afetivo, promovido pela *Biodanza*, nas relações interpessoais. *Biodanza* é um sistema de desenvolvimento de potencialidades humanas que se utiliza da música deflagradora de emoção, do movimento integrado pleno de sentido, da vivência, que é o estar inteiramente no momento presente, no aqui-agora da existência e do grupo como ambiente acolhedor, facilitador e de permissão para que a identidade do ser humano possa integrar-se, fortalecer-se e expressar-se. *Biodanza* propõe-se a desenvolver os potenciais humanos, através das linhas de vivência da vitalidade, sexualidade, criatividade, afetividade e transcendência. Todas estas linhas são importantes e representam uma totalidade para a integração da identidade. No presente trabalho será dada ênfase à linha da Afetividade como base de sustentação para todas as demais, dada sua importância como elemento estruturador da identidade e integrador da inteligência. Inteligência sem afetividade pode levar à barbárie, a atos de violência e completa desumanidade. O Princípio Biocêntrico, fundamento principal do Sistema *Biodanza*, também será abordado, assim como seu desdobramento na Educação como um dos campos prioritários para que a transformação social aconteça. A Educação Biocêntrica surge, assim, como uma proposta pedagógica centrada na valorização da vida em todas as suas formas de manifestação. Além da revisão bibliográfica sobre o tema central, esta monografia traz um relato da minha experiência com a *Biodanza*, enfocando o que este sistema trouxe de influência positiva para a minha vida.

Palavras-chave: *Biodanza*. Afetividade. Inteligência Afetiva. Princípio Biocêntrico. Educação Biocêntrica. Transformação Social.

RESUMEN

La presente monografía tiene como tema central la Biodanza y su relación con la afectividad y la transformación social. El objetivo general de este trabajo es posibilitar la reflexión sobre el potencial del Sistema Biodanza como instrumento para la transformación social a partir de la contribución fundamental para el desarrollo del potencial afectivo del ser humano. Se presenta como uno de los objetivos específicos el reflexionar sobre la influencia del desarrollo del potencial afectivo, promovido por la Biodanza, en las relaciones interpersonales. La Biodanza es un sistema de desarrollo de potencialidades humanas que utiliza la música como deflagradora de emoción, el movimiento integrado pleno de sentido, la vivencia que es el estar enteramente en el momento presente, en el aquí y ahora, de la existencia y el grupo como ambiente acogedor, facilitador y de permiso para que la identidad del ser humano pueda integrarse, fortalecerse y expresarse. La Biodanza se propone a desarrollar los potenciales humanos, utilizando cinco líneas de vivencia: la vitalidad, la sexualidad, la creatividad, la afectividad y la trascendencia. Todas estas líneas son importantes y representan una totalidad para la integración de la identidad. En el presente trabajo daremos énfasis a la línea de la Afectividad como la base de sustentación para todas las demás, dada su importancia como elemento reestructurador e integrador de la inteligencia. La inteligencia sin afectividad puede llevar a la barbarie, a actos de violencia y a una completa deshumanización. El principio Biocéntrico, fundamento principal del Sistema Biodanza, también será abordado, así como su desdoblamiento en la Educación, como uno de los campos prioritarios para que se produzca la transformación social. La Educación Biocéntrica surge, así, como una propuesta pedagógica centrada en la valorización de la vida en todas sus formas de manifestación. Además de la revisión bibliográfica sobre el tema central, esta monografía trae un relato de mi experiencia con la Biodanza, enfocando lo que este sistema trajo como influencia positiva en mi vida.

Palabras llave: Biodanza. Afectividad. Inteligencia Afectiva. Principio Biocéntrico. Educación Biocéntrica. Transformación Social.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. APRESENTANDO A <i>BIODANZA</i> – SISTEMA ROLANDO TORO	15
2.1. O QUE É <i>BIODANZA</i> ?.....	15
2.2. AS CINCO LINHAS DE VIVÊNCIA.....	16
2.2.1. Vitalidade.....	17
2.2.2. Sexualidade.....	18
2.2.3. Criatividade.....	19
2.2.4. Afetividade.....	19
2.2.5. Transcendência.....	20
2.3. O PRINCÍPIO BIOCÊNTRICO.....	20
2.4. PALAVRAS DE ROLANDO TORO.....	22
3. O DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL AFETIVO COMO CONDIÇÃO PARA A TRANSFORMAÇÃO INDIVIDUAL E COLETIVA	24
3.1. A AFETIVIDADE NA CONCEPÇÃO DE ROLANDO TORO.....	24
3.2. A INTELIGÊNCIA AFETIVA PROPOSTA POR ROLANDO TORO.....	28
3.3. A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL VISTA A PARTIR DO SISTEMA BIODANZA.....	31
3.4. A EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA.....	37
4. <i>BIODANZA</i> E SUA INFLUÊNCIA EM MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA	42
4.1. O CONTATO COM A <i>BIODANZA</i> – SISTEMA ROLANDO TORO.....	42
4.2. DE QUE FORMA A <i>BIODANZA</i> AFETOU A MINHA VIDA?.....	43
4.3. POR QUE CONTINUO FAZENDO <i>BIODANZA</i> ?.....	50
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	59
ANEXO	61

1. INTRODUÇÃO

A minha formação acadêmica é em Serviço Social. Ingressei na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 1975, com a ideia ingênua de, fazendo este curso, contribuir com a sociedade, ajudando aos menos favorecidos socioeconomicamente, porém sem uma visão crítica, sem compreensão da complexidade que esta questão abarcava. Tinha, então, 17 anos de idade, proveniente de uma família classe média baixa ou pobre, que lutava arduamente para deixar aos filhos a herança considerada mais importante: os estudos. Era imatura emocionalmente para estar na universidade. Minha opção pelo curso de Serviço Social não tinha uma fundamentação consistente. Concluí o ensino médio e queria fazer um curso superior, sempre estimulada e convencida pela família de que este era o caminho para a minha independência financeira e, da família, como consequência de minha contribuição. O ensino médio foi sofrível e não me preparou para enfrentar o vestibular de forma competitiva com as demais pessoas que também aspiravam a entrar na universidade. Vagamente surpreendi-me pensando na possibilidade de não prestar vestibular de imediato, permanecendo por um ano estudando e amadurecendo para uma escolha mais consciente. Em nenhum momento expressei esse pensamento. O estímulo que recebia era no sentido de seguir em frente. Parar naquele momento seria sinal de fraqueza e até de fracasso, uma decepção para a família. Isto não era expresso desta forma, mas era o que eu captava subjetivamente. Eu sempre fora obediente, seguidora das regras. Portanto, ir contra as expectativas de meus pais não era algo de que eu desse conta na época. Lia nas mensagens subjetivas o que esperavam de mim e não queria decepcioná-los. Sentia-me em dívida com meus pais que sempre se dedicaram e passaram dificuldades para manter-me na Universidade. Tinha o desejo de atender às expectativas deles. Era a forma por mim aprendida que possibilitava sentir-me aceita e amada. “Amar e ser amado”, ouvi Rolando Toro, idealizador do Sistema *Biodanza*, dizer em uma de suas aulas, “é o maior desejo do ser humano, seja ele consciente disto ou não.”

De todo modo, mesmo ingenuamente, sem maturidade, sem consistência vivencial, percebo que havia em mim uma inquietação interna e uma grande tristeza e insatisfação com a sociedade em que vivia, e, paralelamente, uma sensação de

impotência diante dessa realidade. O que fazer? De que forma poderia contribuir para construir uma sociedade com justiça e liberdade?

Minha formação acadêmica deixou a desejar no que diz respeito ao desenvolvimento de uma consciência crítica e não me estimulou ao aprofundamento teórico e prático. Naturalmente, reconheço que isto, aliado às minhas dificuldades pessoais, fez com que me desestimulasse da profissão ao longo do tempo. Também fui adepta do pensamento corrente de que “na prática, a teoria é outra”.

Para mim o Serviço Social revelou-se como um instrumento de adaptação do ser humano a uma sociedade desumana e injusta. A teoria crítica, baseada nas ideias de Marx, hoje hegemônica no Serviço Social, fundamentando seu projeto ético-político, passou ao largo de minha formação acadêmica e de minha prática. Não acompanhei as mudanças ocorridas na profissão. A que devo essa alienação? Responsabilizar somente minha formação seria extremamente cômodo.

Dei-me conta de que nunca aceitei a pobreza como natural. Cheguei a expressar que nunca conseguiria ser totalmente feliz, enquanto houvesse tamanho descaso com os seres humanos como na sociedade em que vivia. Não poderia ser feliz diante do sofrimento de meus semelhantes. Uma parte de meu ser ardia em indignação e recusava-se a acomodar-se totalmente, a lavar as mãos.

Assim que concluí a faculdade de Serviço Social comecei a procurar trabalho. Não poderia voltar para casa, para a dependência da família. Era minha obrigação trabalhar e sustentar-me. Minha formatura aconteceu em março de 1979 e no final de abril do mesmo ano estava empregada. Meu primeiro emprego foi no SESI (Serviço Social da Indústria), como Assistente Social, na cidade de Porto União, Santa Catarina. Fiquei na função de Assistente Social por 12 anos e mais 03 anos na coordenação do CAT (Centro de Atividades). Pergunto-me como consegui. Sim, eu tinha capacidade, era dedicada, fazia sempre o melhor que podia. Era exigente comigo mesma ou, melhor dizendo, superexigente.

No entanto, a sensação de incapacidade, de impotência, sempre me acompanhou. Os conflitos internos em relação à profissão foram tomando força. Estava na busca do autoconhecimento e do desenvolvimento pessoal e também da capacitação para novas possibilidades de trabalho que respondessem à necessidade de realização profissional, quando resolvi, em 1992, fazer uma formação em Socioterapia, processo construído pela Assistente Social Maria Cristina da Silva Tezza, inicialmente, para Assistentes Sociais, sendo posteriormente aberto

para outros profissionais de áreas diversas. A Socioterapia trazia uma nova forma de compreender o Ser Humano e de trabalhar com as questões sociais que se apresentavam. Era uma alternativa para uma atuação profissional voltada ao desenvolvimento do ser humano, utilizando-se de técnicas diversas para que ele pudesse descobrir-se como Ser Divino e capaz de assumir em suas mãos a transformação de sua vida e de seu meio. O aprendizado da Socioterapia foi teórico e vivencial, ou seja, passei pelo processo, buscando a minha própria transformação.

Da Socioterapia, fui encaminhada para a *Biodanza*¹. Mesmo sem saber do que se tratava, a própria palavra era inspiradora para mim e aguçava minhas expectativas e esperanças de aprofundar meu processo de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal. No início, não tinha muita clareza do que buscava, a não ser que queria um trabalho que auxiliasse no meu desenvolvimento pessoal: queria ser expansiva, corajosa, arrojada, vencer o medo que me paralisava, aumentar a autoconfiança, para poder lançar-me ao mundo e contribuir com sua transformação e evolução.

A *Biodanza* tem sua origem na década de 60, fruto da genialidade de Rolando Toro, seu idealizador. De acordo com Toro (2010), ele dedicava-se à investigação sobre a atuação da dança, da música e do contato em grupo, no corpo, na mente e no espírito. Ouvi-o, contando, em uma de suas aulas das quais tive a oportunidade de participar, que ele integrava uma equipe de profissionais no Chile que procuravam formas de humanização da medicina, na década de 60, e que as origens da *Biodanza* estão na experiência dele com internos no Hospital Psiquiátrico de Santiago. Ele contou que, na época, estava muito sensibilizado com a situação dos internos, isolados da família, da convivência social, sem possibilidade de amar, de ter amigos e resolveu promover um baile dentro do hospital. Como na época os tranquilizantes eram escassos, pensou em utilizar músicas suaves, lentas, que pudessem ter um efeito tranquilizador sobre os pacientes. Durante o baile as pessoas pareciam maravilhadas, enlevadas pela música e pelos movimentos. Quando no dia seguinte voltou ao hospital para colher impressões sobre os resultados do baile, disse que as enfermeiras “queriam matá-lo”, pois os pacientes quase não dormiram, as alucinações aumentaram e foi uma noite de muito trabalho para elas. Ele deu-se conta, então, que esse tipo de música causava um efeito

¹ A palavra *Biodanza*, com esta grafia, será utilizada nesse trabalho por ser uma marca registrada do Sistema de Desenvolvimento Humano idealizado pelo chileno Rolando Toro Arañeda.

regressivo que, para o psicótico que já está regredido, o desintegrava ainda mais, aumentando os delírios. Resolveu, então, promover outro baile, porém, dessa vez, utilizando músicas alegres, rítmicas, como samba e jazz, trazendo um resultado maravilhoso, totalmente diferente do anterior, pois os pacientes dormiram muito bem, houve redução dos delírios e alucinações. A partir dessas observações, Rolando Toro começou a construir um modelo teórico de um sistema ao qual deu o nome, inicialmente, de *Psicodanza*. Esse modelo evoluiu ao longo do tempo até o que se chama hoje de *Biodanza*, sendo esta definida como,

[...] um sistema de integração humana, de renovação orgânica, de reeducação afetiva e de reaprendizagem das funções originais da vida. A sua metodologia consiste em induzir vivências integradoras por meio da música, do canto, do movimento e de situações de encontro em grupo. (TORO, 2002, p. 33).

Além de ser um sistema de desenvolvimento de potenciais humanos, *Biodanza* é, também, de acordo com Toro (1991), um caminho para a transformação social. E quando fala nisto, refere-se à mudança dos mandatos antívida da cultura em que vivemos, dos diversos níveis de dissociação e de repressão, da discriminação social, do processo de desumanização do ser humano, da educação alienante e excludente, da visão antropocêntrica do homem. Transformar essa realidade, para construir uma sociedade justa, igualitária, de respeito ao individual e ao coletivo, na qual o ser humano possa desenvolver-se e expressar-se em sua totalidade; uma sociedade sem competição, que viva na cooperação e na relação amorosa de aceitação do outro como um semelhante; uma sociedade que respeite os princípios ecológicos da vida e que promova a interação harmônica do homem com a natureza.

Foi grande o conflito, por mim vivido, entre as concepções de individual e social ou coletivo. Houve uma época em que acreditava que a sociedade tinha que mudar para que o homem se transformasse. Percebia o homem como produto do meio em que vivia, impotente diante da trama social que o enredava. Talvez como uma projeção do meu próprio sentimento de impotência. Cheguei, muitas vezes, a questionar se não estariam corretos aqueles que pregavam a revolução social, a transformação, mediante a força.

Hoje tenho clareza de que é infrutífero buscar somente no meio externo os elementos da transformação, pois estes estão contidos dentro de cada ser humano,

através de seus potenciais genéticos. É na relação sistêmica entre mundo interno e externo que o processo de transformação ocorre. É na vivência que a consciência se amplia e esta consciência, aqui entendida como autoconsciência, é que confere ao ser humano, diferentemente das demais espécies, autonomia para decidir sobre os destinos de sua existência.

Toro (2012) fala da grave desintegração da afetividade na espécie humana, revelada por organizações racistas como a *Klu klux klan*, pelo extermínio de povos como aconteceu com os judeus no holocausto, durante o nazismo, pela ação dos fundamentalistas do oriente médio, enfim, pelas barbaridades das quais os seres, ditos humanos, são capazes. Fala que são tantas e frequentes as monstruosidades que já estão sendo percebidas como normais, confirmando o processo de degradação da espécie.

A Educação é a área chave na qual pode-se depositar as esperanças da transformação dessa realidade, modificando, conforme Toro (2012), os sistemas educacionais de forma profunda para que a violência institucionalizada seja exterminada. Ele aponta como saída, a aplicação do Princípio Biocêntrico, não só na Educação, mas em outras áreas como a Política, a Economia, etc. A base dessa mudança está na integração da afetividade nas escolas, junto às crianças. Nas palavras de Ana Maria Borges de Sousa, em sua tese de doutorado,

[...] a escola é também um lugar onde, potencialmente, a vida pode ser expandida e revigorada, prestigiada na renovação da práxis do viver pedagógico dos sujeitos com ela implicados. E isso exige uma formação que oportunize aos educadores e aos gestores conhecerem e assumirem outras escolhas. É no seio do anacronismo que impregna o cotidiano escolar, da cultura tanática que imprime ritmos sacrificiais à aprendizagem, que uma educação biocêntrica, erótica, pode ser assumida, amalgamada, ganhando asas para contagiar outros espaços da sociedade. É sempre reconfortante lembrar Paulo Freire em seu confiar de que a escola não muda o mundo, ela muda as pessoas e estas é que modificam o mundo, imbuídas de sentimentos altruístas, abertas à generosidade, criadoras de possibilidades. (SOUSA, 2000, p. 252).

O desenvolvimento do potencial afetivo do ser humano é a estratégia de transformação social proposta pela *Biodanza*. Muitos estudos mostram que a criança que recebeu os cuidados necessários, nutrição adequada, que foi acalentada, tocada com amor, que recebeu carícias, que foi respeitada como ser individual, terá as maiores chances de tornar-se um adulto amoroso, responsável consigo, com o outro e com o planeta. Será um ser humano com possibilidades de estabelecer

vínculos afetivos, de exercer o cuidado nas relações interpessoais, de desenvolver a consciência ética mediante uma profunda empatia com os seus semelhantes.

A afetividade é o elemento estruturador da identidade e integra a inteligência humana. Inteligência sem afetividade pode levar à barbárie, a atos de violência e completa desumanidade.

Rolando Toro diz que:

La perversión de la inteligencia es la conducta psicopática motivada solo por las emociones y carente de la dimensión afectiva. El psicópata experimenta emociones intensas en el momento de la acción destructiva, su estructura afectiva está desintegrada. (TORO, 2012, p. 167).

Tomando como base o desenvolvimento do potencial afetivo proposto por Rolando Toro, através do Sistema *Biodanza* como caminho para a transformação individual e social, percebo-me dentro desse processo como um ser em constante construção e transformação, que recebeu influências muito positivas na sua prática de *Biodanza*, tanto como participante de grupos regulares e em outras vivências ocasionais, como no exercício da facilitação de grupos, como Facilitadora de *Biodanza*. Percebo a *Biodanza* como um divisor de águas em minha vida, em especial devido à transformação que provocou em mim, no que se refere à elevação da autoestima e ao resgate da autoconfiança como consequência. *Biodanza* devolveu-me a alegria de viver a partir da reconexão com o impulso de vida, resgatando minha vitalidade e também despertou-me como ser afetivo, criativo, sexual e transcendente.

O objetivo geral deste trabalho é possibilitar uma reflexão sobre o potencial do Sistema *Biodanza* como instrumento de transformação social, a partir da contribuição fundamental para o desenvolvimento do potencial afetivo do ser humano. Advindo deste, os objetivos específicos são:

- a) Pesquisar bibliografias referentes ao tema.
- b) Relatar a minha experiência de vida, enfatizando as influências recebidas da *Biodanza*.
- c) Refletir sobre a influência do desenvolvimento do potencial afetivo, promovido pela *Biodanza*, nas relações interpessoais.

Para responder aos objetivos propostos, este trabalho apresenta, em primeiro lugar, um estudo teórico sobre as concepções de Rolando Toro, idealizador do Sistema *Biodanza*, com ênfase nos aspectos que mostram este Sistema de

desenvolvimento humano como instrumento para a transformação individual e coletiva.

Assim sendo, este trabalho terá como primeira parte, a apresentação da *Biodanza* – Sistema Rolando Toro, na qual serão descritos os elementos conceituais, os potenciais humanos que se propõe a desenvolver através das linhas de vivência da Vitalidade, Sexualidade, Criatividade, Afetividade e Transcendência e o Princípio Biocêntrico como fundamento básico de toda concepção teórico-prática de *Biodanza*.

Na segunda parte, a ênfase será no desenvolvimento do potencial afetivo como essencial para a transformação individual e coletiva, iniciando-se pela concepção de Rolando Toro sobre Afetividade, passando pela sua proposta de Inteligência Afetiva até chegar à concepção de transformação social contida no Sistema *Biodanza* e na proposta de Educação Biocêntrica, mediada pela *Biodanza*.

Nesse estudo teórico são apresentadas, também, ideias de outros autores, seguidores ou não de Rolando Toro, que corroboram suas ideias ou, cujo pensamento se aproxima e referenda as propostas de Rolando Toro com a *Biodanza*.

Na sequência ao estudo teórico, como terceira parte deste trabalho, toma espaço o relato das influências da *Biodanza* na minha história de vida, enfocando aspectos essenciais para o meu desenvolvimento pessoal e, conseqüentemente, para minha postura como ser no mundo. É um relato da minha própria vivência, experimentando o instrumental utilizado pelo Sistema *Biodanza*, desde 1994, para alcançar seu objetivo maior de integração da identidade, mediante o desenvolvimento dos potenciais biológicos de vitalidade, sexualidade, criatividade, afetividade e transcendência.

Desta forma, apresento este trabalho, consciente de suas limitações, porém esperando, de todo modo, que contribua com as reflexões sobre a *Biodanza* e sua influência no desenvolvimento do potencial afetivo e, conseqüentemente, na transformação social.

2. APRESENTANDO A *BIODANZA* – SISTEMA ROLANDO TORO

Biodança é a reconciliação com a própria vida e com o puro ato de viver. E, como a vida, ela também não se explica, se vive.

Angela Ribas

2.1. O QUE É *BIODANZA*?

Biodanza é um sistema de desenvolvimento de potencialidades humanas, tendo como instrumentos metodológicos básicos: a música deflagradora de emoção; o movimento integrado, pleno de sentido; a vivência, que implica em estar inteiramente presente no aqui-agora; e o grupo, como ambiente acolhedor, de permissão e facilitador da expressão genuína do ser humano.

Falar de *Biodanza* (marca do sistema de desenvolvimento humano criado pelo chileno Rolando Toro Arañeda) ou Biodança (traduzida para o português) é falar também de Rolando Toro, seu criador, um chileno nascido em Concepción, na data de 19 de abril de 1924. Ele era Psicólogo com especialidade em Antropologia Médica. Foi também poeta, com alguns livros publicados, além de professor, pintor e investigador.

Numa entrevista à Revista *Bons Fluídos*, Toro (2010) diz que percebeu-se trabalhando em toda a sua vida para aumentar a afetividade do ser humano. Percebeu que o ser humano é muito cerebral e que a dissociação entre a inteligência e a afetividade gera tragédias como o Holocausto e o lançamento de bombas em Hiroshima e Nagasaki no Japão, acontecimentos catastróficos produzidos durante a Segunda Guerra Mundial. Percebeu a doença da sociedade, onde a vida é banalizada, ignorando-se sua sacralidade; onde os princípios ideológicos se sobrepõem aos princípios vinculados à vida, que celebram o amor, a comunhão com os semelhantes e a solidariedade. A *Biodanza*, então, surge do desespero, do desejo e da necessidade premente de construção de um novo homem, de uma nova sociedade, ou seja, da necessidade de uma mudança, tanto em nível individual, quanto coletivo.

A *Biodanza* estabelece em seu conceito:

- a integração humana em três níveis: consigo mesmo, no sentido de resgatar a unidade psicofísica; com o semelhante, no sentido de resgatar o vínculo com a espécie humana; com o universo, no sentido transcendente de recuperar ou de restaurar o sentimento de unidade, de vinculação com a totalidade;

- a renovação orgânica, entendida como a capacidade que o organismo tem de refazer-se, de renovar-se, de curar-se; está relacionada à manutenção da saúde e à homeostase (equilíbrio interno orgânico);

- a reeducação afetiva, no sentido de trilhar o caminho do amor como estratégia fundamental de sobrevivência e de evolução;

- a reaprendizagem das funções originais da vida, a qual diz respeito à reaprendizagem do **ser natural** [grifo nosso], à conexão com a força vital que impulsiona para a saúde, para o comer quando há fome, dormir quando há sono, beber quando há sede, etc.

Biodanza também se propõe à integração da identidade do ser humano, desenvolvendo seus potenciais genéticos de Vitalidade, Sexualidade, Criatividade, Afetividade e Transcendência, através de cinco linhas de vivência, cujos nomes são os mesmos correspondentes a cada um desses potenciais.

2.2. AS CINCO LINHAS DE VIVÊNCIA

As linhas de vivência, como se verá a seguir, norteiam o pensamento da *Biodanza* no que concerne ao desenvolvimento dos potenciais biológicos, sendo definidas a partir de estudos sobre as principais aspirações humanas, comuns a todos os seres humanos. São elas:

- Vitalidade: relacionada com os índices de saúde, com o ímpeto vital, com as motivações para a vida, com a alegria e a coragem de viver;

- Sexualidade: relacionada com a capacidade de sentir prazer corporal, de sentir prazer de viver, com a sensualidade;

- Criatividade: vinculada à capacidade de gerar algo novo, de inovar nas situações cotidianas da vida, de imaginar e construir;

- Afetividade: diz respeito à capacidade do ser humano de criar vínculos, intimidade, de ser solidário, altruísta, de estabelecer empatia nas relações com o outro;

- Transcendência: refere-se à capacidade de vinculação do ser humano com a totalidade, de sentir-se parte interdependente com tudo o que existe, de sentir-se pertencente à natureza, ao universo.

Sendo considerados biológicos, genéticos, esses potenciais são privilégio de todas as pessoas. O que difere em cada ser humano é a expressão de cada um deles, dependendo dos ecofatores – estímulos recebidos do ambiente – que podem inibir ou favorecer o desenvolvimento e a expressão desses potenciais genéticos.

2.2.1. Vitalidade

É a primeira linha de vivência de *Biodanza*. Desenvolve-se a partir da protovivência de movimento e como resposta ao instinto de sobrevivência. Protovivências são as primeiras experiências que o bebê tem ao nascer até aproximadamente seis meses de vida e diz respeito também às primeiras respostas aos estímulos recebidos tanto internos quanto externos.

A vitalidade se relaciona com a alimentação no sentido de saber escolher o alimento que responde às necessidades vitais do organismo, tanto em qualidade, quanto em quantidade.

Faz parte da vitalidade a aprendizagem da autorregulação, ou seja, a capacidade de equilibrar ação e repouso.

De acordo com Lemos (2005, p. 11) “Com a vitalidade equilibrada, o ser humano come quando tem fome, bebe (água) quando tem sede, dorme quando tem sono e busca a satisfação dessas necessidades naturais, de maneira instintiva, natural.” No entanto, a cultura em que se vive criou um modelo de sociedade que interfere nesse movimento natural, não mais respeitando os interesses orgânicos, mas os interesses da sociedade. Então aprende-se a comer em horários determinados, independentemente de se estar com fome. Desenvolvem-se hábitos desvinculados dos desejos mais essenciais. As pessoas vão se desconectando da força instintiva que as move e as tornam assertivas em suas escolhas, dificultando o desenvolvimento de sua autonomia. Ainda de acordo com Lemos (2005, p. 11) “Vitalidade é a capacidade de colocar-se no mundo como ser humano autônomo, responsável por seu movimento e por suas ações”.

Conforme Toro (2002), a vitalidade pode se revelar em características externas diversas, tais como: olhar intenso e brilhante, riso fácil, gestos vigorosos e

harmoniosos, voz expressiva, movimentos ágeis. Alerta, porém, para o cuidado no que se refere à avaliação da vitalidade de uma pessoa, dizendo que somente a força do movimento não significa que ela seja vital, pois pode sofrer de doenças graves, a exemplo da diabete, da hipertensão, da epilepsia, ou mesmo de problemas psicológicos.

Um aspecto extremamente importante, que se considera essencial ressaltar, é que o campo da vitalidade, ainda de acordo com Toro (2002), não se restringe a indicadores de saúde do organismo; ele abrange também as motivações existenciais.

2.2.2. Sexualidade

Esta é a segunda linha de vivência de *Biodanza*, cuja protovivência é o contato e a carícia. As crianças que são tocadas, acariciadas por suas mães ou pelas pessoas que cuidam delas, tem maior facilidade de desenvolver e expressar o potencial de sexualidade de forma saudável, integrada aos demais potenciais. Surge como resposta ao instinto sexual, que tem como função biológica primordial a reprodução.

Sentir o corpo como fonte de prazer é uma das finalidades da linha de vivência da sexualidade. Alexander Lowen diz que:

O prazer é a origem de todos os bons pensamentos e sentimentos. Quem não tem prazer corporal se torna rancoroso, frustrado e cheio de ódio. O pensamento é distorcido e o potencial criativo se perde. A perda se torna autodestrutiva. (LOWEN, 1970, p. 10-11).

Para Toro (2002, p. 87), a sexualidade vai além da genitalidade e considera a obsessão pelo orgasmo um dos principais fatores impeditivos da obtenção de prazer. Coloca ênfase na sensualidade como abertura ao contato corporal e diz que “sensualidade é sentir prazer pelos alimentos, pelo banho, pela brisa e pela chuva, pelas carícias e beijos.”

De fato, o prazer não provém somente do contato sexual e a preparação para este, segundo Toro (2002), não se reduz à estimulação genital, mas à capacidade de sentir prazer nas ações cotidianas como uma massagem relaxante, uma comida saborosa, caminhar descalço sobre a areia macia, tomar um banho numa temperatura agradável, etc.

2.2.3. Criatividade

O potencial criativo do ser humano desenvolve-se a partir da protovivência de movimento e exploração do ambiente e está ligado ao instinto de exploração e ao impulso natural para a inovação.

A criatividade é um potencial biológico e, como tal, existe em todos os indivíduos; não é um privilégio dos artistas. Estes se diferenciam dos demais pela coragem de expressar suas potencialidades. Ela pode ser expressa nas mais diversas ações cotidianas e de diversas formas: no cozinhar, na conversação, na poesia, no canto, na dança, na música, enfim, em qualquer ação que tenha abertura para isso.

De acordo com Sanclair Lemos,

Criatividade é o ato de criar a si próprio, enquanto ser que vive e existe no mundo, a cada momento mover-se no novo, modificando-se no fluxo do mundo que se modifica constantemente. Como um rio, o movimento da vida (cotidiana mesmo) renova-se eternamente. Nosso existir se dá nesse fluxo de transformação, de autocriação e auto-organização. (LEMOS, 2005, p. 12-13).

2.2.4. Afetividade

A Afetividade desenvolve-se a partir da protovivência de nutrição e cuidado e do instinto gregário e de solidariedade intra-espécie.

De acordo com Lemos (2005, p. 13), “Afetividade é a força ou energia que nos conecta e vincula com todos os seres. A essa emoção de conexão e vinculação com os outros membros da espécie ou com a totalidade da vida chamamos amor.”

Conforme Toro (2002, p. 89) “Por meio da afetividade nós nos identificamos com outras pessoas e somos capazes de compreendê-las, amá-las, protegê-las, ou, ainda, ao contrário, de rejeitá-las e agredi-las.”

Em *Biodanza*, na linha da Afetividade, trabalha-se o amor indiferenciado e o amor diferenciado, ou seja, aquele dirigido à espécie como totalidade e aquele dirigido a uma única pessoa.

Conforme Toro (2010), com base em pesquisas científicas pode-se afirmar que a simples presença ou proximidade com outro ser humano modifica a pessoa, ou seja, seus processos internos mudam completamente apenas com a presença de alguém, tal a sensibilidade do ser humano para com o outro. Há uma comunicação

energética e uma linguagem que são invisíveis, mas que influenciam a pessoa. Isto significa que ninguém está imune à presença do outro.

Na linha da afetividade desenvolve-se o potencial afetivo que se expressa na aceitação do outro como um semelhante e não como um estranho, ou seja, desenvolve-se a capacidade de convivência com a diversidade, com as diferenças, fazendo destas uma oportunidade de crescimento. Desenvolve-se, também, a capacidade de empatia, que é poder colocar-se no lugar do outro e sentir o que o outro sente, o que leva à compaixão, à solidariedade, ao altruísmo. A possibilidade de ser aceito, sem julgamento, é o que permite ao ser humano seu pleno desenvolvimento e a expressão de sua identidade.

2.2.5. Transcendência

O potencial de transcendência desenvolve-se a partir da protovivência de harmonia e do instinto de fusão com algo maior que si mesmo.

Nas palavras de Toro (2002, p. 91), “[...] o conceito de transcendência refere-se à superação da força do próprio Eu e à possibilidade de ir mais além da autopercepção, para identificar-se com a unidade da natureza e a essência da pessoa.”

Para Toro (2002), a experiência ou a vivência de sentir-se intimamente ligado à natureza e ao próximo dá-se poucas vezes na vida. No entanto, basta experimentá-la uma única vez para usufruir de mudanças na relação consigo mesmo e com os outros. Saber-se parte do universo, ter a certeza do não-isolamento, de que se é parte do movimento cósmico, como um conhecimento vivencial e não apenas intelectual, é suficiente para mudar toda a escala de valores do ser humano.

Finalizando essa parte referente às linhas de vivência, esclarece-se que a ordem em que são colocadas dá-se não por classificação de importância, mas pelo grau de dificuldade na expressão desses potenciais.

2.3. O PRINCÍPIO BIOCÊNTRICO

Proposto por Rolando Toro, o princípio biocêntrico, no qual a *Biodanza* está fundamentada, tem a vida como referência primeira, considerando-a como centro de

tudo o que existe. Neste sentido, a vida é sagrada e deve ser protegida em todas as suas diferentes formas de manifestação.

De acordo com Toro (2002, p. 50), o Princípio Biocêntrico “[...] se inspira nas leis universais que conservam os sistemas vivos e que tornam possível sua evolução.” Parte da compreensão de que o universo é um sistema vivo e de que a vida vai além dos reinos vegetal e animal, ou seja, de que tudo o que existe faz parte desse extraordinário sistema vivo. A vida é anterior ao universo, ou seja, ele existe como decorrência ou consequência da existência da vida. Ainda de acordo com Toro (2002, p. 51), “A evolução do universo é, na realidade, a evolução da vida.”

O Princípio Biocêntrico se contrapõe ao paradigma antropocêntrico, deslocando o foco para a vida como referência imediata, retirando do cenário central o ser humano, o que implica em mudanças existenciais profundas, já que este é interdependente com todo o existente; portanto, suas ações individuais interferem no todo maior e, conseqüentemente, o todo maior interfere em sua existência individual. Isto implica: - em uma relação ecológica do ser para consigo, para com o outro e para com a totalidade cósmica, na perspectiva da preservação da espécie; - no resgate da sacralidade da vida e da reverência a esta como bem supremo; - na relação de reciprocidade do ser humano com a natureza; esta tem sido, nos tempos atuais, utilizada como coisa a serviço do bem estar do ser humano e, neste sentido, pode ser dominada, degradada, explorada a seu bel prazer.

De acordo com Ferreira (1997) o universo entendido, biocentricamente falando, como a casa do ser humano, influencia significativamente na expressão existencial dele e nas suas ações no mundo, que, com certeza, estarão respaldadas no amor, no cuidado, no respeito, na busca de conservação e embelezamento desse espaço sagrado de moradia.

As ciências, as artes, a religião, diz Ferreira (1997), quando vistas a partir do princípio biocêntrico, serão instrumentos a serviço dos interesses da vida e não dos interesses mesquinhos do ser humano, ou de uma minoria deles, como acontece atualmente.

A questão ecológica na atualidade evidencia os problemas criados pelo próprio ser humano na relação com os seus pares e com a sua casa planetária. De acordo com Ferreira (1997), ela provém do sistema capitalista que coloca no lucro, na economia, no poder do dinheiro, o seu foco central. A partir desse enfoque, tudo o que existe (natureza, ser humano, ideias, criatividade, poesia) se transforma em

recurso, em meio para atingir seus fins, podendo ser utilizado, para isto, até a sua exaustão. Na medida em que um recurso perde sua utilidade, busca-se outro. Como resultado dessa forma de pensar vê-se hoje um retrato de miséria, fome, guerras, que degradam a vida humana e o meio ambiente.

A visão biocêntrica é revolucionária e instiga à transformações profundas no estilo de vida e na organização da sociedade. Rolando Toro diz que:

A estratégia de transformação existencial muda a partir do princípio biocêntrico: os parâmetros da vida cósmica refletem os parâmetros do nosso estilo de vida. Em outros termos, os nossos comportamentos se organizam como expressão de vida, e não como meios de alcançar fins externos, políticos ou sócio-econômicos [sic]. Eles se desenvolvem para criar mais vida dentro da vida. Se as situações sociais e culturais são adversas, podem ser transformadas não com a ajuda de ideologias e de ações políticas, mas restabelecendo-se, a cada instante, em nossa existência, as condições pelas quais ela seja protegida. (TORO, 2002, p. 51).

É no Princípio Biocêntrico, de acordo com Toro e Terrén (2008), que a possibilidade de integração do ser humano ao cosmos se faz verdadeira.

É na visão biocêntrica que a vida reassume a sua condição de sagrada e que se torna possível a convivência baseada no respeito e na proteção dos sistemas vivos.

2.4. PALAVRAS DE ROLANDO TORO

Para concluir essa introdução sobre o Sistema *Biodanza* e sobre seu idealizador, acredita-se que as palavras de Rolando Toro apresentadas por Raúl Terrén e Verónica Toro (filha de Rolando) na introdução de seu livro “*Biodanza – Poética del encuentro*”, refletem a essência do pensamento dele e do sistema de desenvolvimento humano que criou:

Sueño con una humanidad que se abraza y se besa con alegría de vivir, donde la soledad no existe como sentimiento, donde cada uno reconoce la sacralidad del otro. Un mundo donde poder conectarnos a través de la mirada, el abrazo y el movimiento natural, ya que el cuerpo habla en forma más elocuente que las palabras.

Yo sé que esto es posible, sólo es necesario que no sea un sueño de uno solo, sino una visión de muchos.

El pensamiento humano sobre el vínculo ha evolucionado notablemente, vemos cada vez una mayor disposición a abrir nuestros corazones, nadie quiere quedarse sin amor, sin expansión de la conciencia y sin el lugar que ocupa en el universo.

Somos parte de una fuerza generativa de la naturaleza, del cosmos, y queremos abrimos paso a través de la ternura, el respeto, la belleza del

otro. Y cuando hablamos de otro, no nos referimos a una percepción de su forma sino de su alma, conectándonos de centro a centro.

Somos seres relacionales. Fue necesario comprender que no somos nada sin el otro, el hombre no puede concebirse sin experimentar las más diversas relaciones con otros. Y la calidad de estas relaciones es la calidad de nuestra vida.

No hay posibilidad de crecer en forma solitaria. La psiquiatría fracasa cuando abandona el amor y deja a los locos librados al tratamiento farmacológico. La psicoterapia está cambiando el autoritarismo de la unidireccionalidad del discurso para vincularse de centro a centro con el paciente, entrando en un diálogo más abarcativo e impregnado por la vivencia.

Hoy sabemos que lo único que resuelve un conflicto es la vivencia, que integra al ser en su totalidad. No hay cambio sin conciencia, pero tampoco hay un cambio real sin la vivencia, sin pasar por la experiencia.

Estamos saliendo del florecimiento del individualismo anárquico para evolucionar hacia una nueva forma de vínculo donde desaparezca el 'yo soy yo y tú eres tú' para convertirse en 'cada uno es parte del otro y ambos somos parte de la totalidad'. Así, recibimos al otro a través de la vivencia completa, desde sus células hasta sus emociones y actitudes corporales y no sólo a través de la mente.

Abandonar este individualismo desaforado, que genera tanta soledad, frustración, competencia, grandes éxitos externos, nos permite recordar que lo único que queda como ganancia de la existencia no son las glorias académicas ni económicas, sino el amor: a quiénes hemos amado y quiénes nos han brindado su amor.

Comprender y celebrar al otro debe ser una iniciativa de cada uno. La empatía no es solo un diálogo sin discriminación, sino que implica ponerse en el lugar del otro. Esto es lo que nos va a permitir comprender verdaderamente el sufrimiento y la ternura de los demás. (TORO, apud TORO, V.; TERRÉN, 2008, p. 13-14)².

Rolando Toro deixa, assim, à humanidade, esse legado e convoca a todos os Facilitadores e praticantes de *Biodanza* a essa missão de serem militantes do afeto, difundindo o amor como expressão máxima do ser humano, traduzido nas ações cotidianas de cuidado, de respeito, de valorização e qualificação, de reverência, de solidariedade, dirigidas à vida e a todas as suas formas de manifestação.

² A obra citada não traz a referência de origem do texto de Rolando Toro aqui descrito.

3. O DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL AFETIVO COMO CONDIÇÃO PARA A TRANSFORMAÇÃO INDIVIDUAL E COLETIVA

[...] não é possível nenhuma transformação social se não mudam profundamente os sentimentos, quer dizer, os modos de vinculação com as pessoas e com o meio cósmico.

Rolando Toro

3.1. A AFETIVIDADE NA CONCEPÇÃO DE ROLANDO TORO

Rolando Toro falou, em uma de suas aulas, que, em termos de Afetividade, o ser humano encontra-se na Idade da Pedra. Queria dizer com isto que a humanidade está muito atrasada no que se refere ao desenvolvimento do potencial afetivo, fundamentando sua concepção nos dados da realidade: altos índices de violência, preconceitos os mais variados, indiferença diante do sofrimento alheio, inversão de valores onde o ter tem supremacia sobre o ser, relações de dominação e submissão. De acordo com Toro (2002), a expressão patológica da afetividade manifesta-se pelos impulsos de autodestruição, pela discriminação social, pelo racismo, pela injustiça. Enfatiza uma das formas patológicas pouco conhecida: o relativismo ético – uma maneira de justificar ações infames com explicações inteligentes – dizendo ser esta uma atitude própria das pessoas individualistas e dos governantes adeptos do totalitarismo. Ainda de acordo com Toro (2012, p. 31), “*La afectividad es una de las funciones psicológicas más perturbadas y reprimidas dentro del mundo relacional, social, educacional y político actual*”.

Rolando Toro, idealizador da *Biodanza*, define afetividade como:

[...] um estado de afinidade profunda para com os outros seres humanos, capaz de originar sentimentos de amor, amizade, altruísmo, maternidade, paternidade, solidariedade. Sem dúvida, também sentimentos opostos como a ira, o ciúme, a insegurança e a inveja podem ser considerados componentes desse complexo fenômeno. (TORO, 2002, p. 90).

Toda subjetividade que envolve a ternura, o amor, a amizade, o altruísmo, diz Toro (2012), faz parte do fenômeno da afetividade que representa uma abertura

para o outro, para o cuidado do outro e da vida, para a empatia com todos os seres vivos. A afetividade pode se expressar em diferentes níveis, variando de intensidade, de profundidade e amplitude. Quando se expande, há intensa liberação do afeto que se traduz em amor infinito pela natureza, pelas pessoas, pela vida em sua totalidade.

A base teórica da concepção de afetividade, de acordo com Toro ([20—], p. 4) está contida na afirmação de que a afetividade é expressão da identidade. Reforçar a identidade de cada indivíduo é fundamental para que desenvolva a capacidade de amar, estabeleça vínculos de confiança com as pessoas e aceite a diversidade, sem medos.

Toro ([20—], p. 4) alerta para que não se confunda sensibilidade e inteligência com afetividade. Afirma que existem pessoas extremamente sensíveis e inteligentes capazes de atos bárbaros, devido à ausência da capacidade de amar.

A afetividade, segundo Toro ([20—], p. 5) diferencia-se da emoção, possuindo três elementos básicos: a projeção no tempo (é duradoura); a participação da consciência; e a representação simbólica. As emoções tem um caráter passageiro, são expressões de um momento vivido aqui-agora. São impulsos de ação que ocorrem em situações especiais. Já o processo que conduz ao sentimento é mais complexo, como já mencionado acima.

A afetividade, do ponto de vista da teoria de *Biodanza*, segundo Toro ([20—], p. 10), tem origem biológica e está relacionada com o instinto de solidariedade que existe entre os membros da espécie, com o instinto gregário, com tendências altruístas e rituais de vínculo. Existem dentro do ser humano impulsos biológicos para a cooperação, integração e solidariedade, os quais levam ao desenvolvimento de sentimentos altruístas, que estão na origem do sentimento de amor.

Toro (2001) descreve quatro fatores como determinantes fundamentais da afetividade. São eles:

a) Identidade

Alterações na identidade do indivíduo dificultam sua identificação com o semelhante, provocando alterações na expressão de sua afetividade. Se tem baixa autoestima ou sentimentos de superioridade, não consegue expressar solidariedade, amor, altruísmo, amizade etc. O medo à diversidade faz com que veja outro ser humano como um estranho e não como um semelhante, causando-lhe insegurança.

b) Nível de Consciência

A expansão da consciência permite ao indivíduo perceber-se vinculado a tudo o que existe, a tudo o que está vivo, ao universo como uma totalidade. Esse nível de consciência faz com que o ser humano desenvolva sentimentos de devoção, de compaixão, de amor infinito, de compreensão e de exaltação pelo milagroso fato de existir. É a valorização da vida pela vida mesma.

c) Nível de Comunicação

Há um nível de comunicação entre os indivíduos em que as almas se falam, se compreendem, em profunda sinceridade. A comunicação adquire um novo significado de acordo com o tom de voz, com a expressão gestual e com o componente afetivo. Há pessoas que conseguem estabelecer um nível de intimidade em sua comunicação, um nível de compreensão que vai além das palavras, como se houvesse entre elas um pacto não declarado, uma espécie de acordo no silêncio.

Existem também processos patológicos de comunicação, seja gestual ou verbal. Uma dessas patologias que convém ressaltar é a desqualificação que acontece, muitas vezes de forma inconsciente, mascarada como crítica construtiva. Conforme Toro ([20—], p. 14) *“La descalificación es un asesinato ontológico y una puñalada al ser. Este vicio impide la convivencia feliz.”*

d) Cofatores e Antecedentes Biográficos

O nível de afetividade de um indivíduo está determinado por quatro fatores básicos:

- a) possibilidade, em discussão, da existência de componentes genéticos;
- b) possibilidade, em parte, de ser afetado pelas funções neuroendócrinas;
- c) experiências infantis;
- d) ecofatores (contexto sociocultural).

Em *Biodanza* a linha de vivência da Afetividade é básica, é o elemento integrador e está na base de todas as outras linhas. Fazer *Biodanza* como um processo é uma oportunidade ímpar de vivenciar intensamente e de forma progressiva o potencial afetivo e, desta forma, poder expressá-lo e desenvolvê-lo. *Biodanza* promove o restabelecimento da conexão do ser humano com ele mesmo, com seu semelhante e com o cosmos. Restaura no indivíduo o amor à vida, a alegria de viver e a capacidade de amar a si, aos outros e à natureza. Devolve ao ser humano a capacidade:

- de sentir a vida que pulsa dentro e fora de si;

- de sentir a si mesmo como um ser único, totalmente diferenciado dos demais e do mundo que o cerca, por um lado e, por outro, de sentir-se parte da totalidade cósmica;

- de sentir a diversidade de emoções que fazem parte de seu mundo interno;

- de sentir-se vivo e co-criador de sua existência;

- de sentir prazer, este elemento tão esquecido nessa cultura sacrificial que

colocou o dever como prioridade e disseminou a culpa e o pecado. Através da *Biodanza* o acesso ao prazer é permitido; não só o prazer sexual que se amplia significativamente, mas o prazer por sentir-se vivo; o prazer pela simplicidade cotidiana; o prazer de viver.

Toro ([20—], p. 25) fala em índices de afetividade que, entende-se, sejam os componentes, as características principais que revelam o estado afetivo de uma pessoa, ou seja, explicitam os níveis em que a pessoa se encontra em termos de desenvolvimento e expressão do seu potencial afetivo. Ele diz que uma pessoa é afetiva quando é capaz de estabelecer relação empática com o outro, ou seja, pode sentir o outro como parte de si mesmo. Além disso, é afetiva a pessoa que é capaz de vivenciar a ternura pelo outro; de comunicar-se e expressar-se com sinceridade; de dar e receber afeto; de lutar pelo bem estar do outro; de autodoação; de escutar o outro; de valorizá-lo e qualificá-lo; de estabelecer vínculos com as pessoas, sem discriminação de qualquer natureza, aceitando a diversidade. De acordo com esse autor, todos esses aspectos podem ser desenvolvidos no ser humano pelo sistema *Biodanza*, através da linha vivencial da Afetividade.

Biodanza, ao mesmo tempo em que enfatiza a importância da aceitação da diversidade, do que é diferente, também alerta para a toxicidade de muitas relações e para a necessidade de afastar-se delas como uma medida de sobrevivência e de vida saudável. De acordo com Toro ([20—], p. 33), a convivência com pessoas desqualificadoras, julgadoras, violentas, etc., pode tornar a existência catastrófica. É necessário, por vezes, amar à distância para não se deixar enredar pelo negativismo e toxicidade que envolve muitas relações. É necessário buscar relações nutritivas com pessoas que ensinam, valorizam, qualificam, que são estímulo para a vida, que conseguem compartilhar sua existência de forma amorosa. Fazer amigos verdadeiros é fundamental. De acordo com Toro ([20—], p. 34), “*La amistad es uno de los sentimientos más profundos y nobles del ser humano. En ella se combinan la afectividad, el sentimiento estético, la lealtad y la sintonía de la conciencia.*”

Numa sociedade como a que se vive hoje, afetivamente patológica, é urgente o estudo da estrutura afetiva do ser humano. A afetividade foi relegada a algo muito feminino e piegas para que essa cultura patriarcal perdesse seu tempo com ela. A inteligência foi supervalorizada, mas totalmente desvinculada do aspecto afetivo. Toro ([20—], p. 16), fala em inteligência afetiva e diz que *“La inteligencia tiene su base estructural en la afectividad. Todo el proceso de adaptación inteligente al medio ambiente y la construcción del mundo se organiza en torno a las experiencias primales de la relación afectiva.”*

3.2. A INTELIGÊNCIA AFETIVA PROPOSTA POR ROLANDO TORO

Para que a inteligência esteja de fato a serviço do bem comum, há necessidade de estar integrada à afetividade. Isto é o que se compreende, resumidamente, do pensamento de Rolando Toro sobre Inteligência Afetiva. De acordo com Toro (2012) muitas autoridades do nazismo com um Q.I. elevado que os classificava como gênios, eram profundamente imbecis diante da vida, no que se refere à afetividade.

De acordo com Toro (2012) a inteligência é inseparável de todas as funções do ser humano e da sua história de vida. Pensa-se com todo o corpo e não somente com o cérebro. Na estrutura da inteligência está a afetividade como um dos seus componentes psicológicos essenciais.

Toro (2012) afirma poder falar com legitimidade em Inteligência Afetiva, tomando como base as investigações feitas por diversos cientistas que estudaram as dimensões afetivas da inteligência, entre eles Lapierre e Arnold Gesel com seus estudos sobre a motricidade e sua relação com a afetividade; Piaget e suas investigações sobre a relação existente entre percepção e motricidade; Adelbert Ames, que diz que a afetividade modula a percepção; B. F. Skinner e seus estudos sobre a influência da afetividade na aprendizagem e nas motivações para o estudo; Noan Chomsky e sua investigação sobre o estímulo da afetividade para a aprendizagem da linguagem.

Conforme Toro (2012), a afetividade é comum a todas as formas diferenciadas de inteligência (motora, espacial, mecânica, social, etc.) e, neste sentido, não existe a inteligência afetiva como um tipo distinto de inteligência. Diz ainda, que para compreender isto é necessário verificar as relações existentes entre

a estrutura afetiva e a motricidade, a percepção, a memória, a aprendizagem, a linguagem e a elaboração simbólica.

A inteligência, de acordo com Toro (2012, p. 32), pode ser definida essencialmente como “[...] *la capacidad afectiva de establecer conexiones con la vida y relacionar la identidad personal con la identidad del Universo*”. Diz, ainda, que esta capacidade é comum a todos os seres humanos, seja qual for sua situação, porém, tem sido reprimida, bloqueada pela dissociação afetiva da qual sofrem as sociedades.

A proposta da *Biodanza* é a integração afetiva do ser humano para que possa se desenvolver nele o sentimento de amor. Rolando Toro (2012, p. 32) diz que “[...] *los frutos de la inteligencia proceden del amor*” e que o amor e a amizade são as expressões mais elevadas da inteligência.

Maturana (1998) afirma que é o amor que caracteriza o humano e que funda o aspecto social das relações humanas. Diz, ainda, que nem todas as relações humanas são sociais porque nem sempre estão fundamentadas no amor, ou seja, nem sempre o outro é aceito como legítimo outro na convivência e esta aceitação é condição essencial para que um fenômeno seja definido como social.

Na história evolutiva do homem, diz Maturana (1998) o amor sempre esteve presente como a “mola mestra” impulsionadora das ações no processo evolutivo. É o amor indispensável no desenvolvimento da criança para que ela cresça saudavelmente no seu aspecto físico, psíquico, comportamental, espiritual e social e, na vida adulta, o amor precisa estar presente para que o ser humano conserve a sua saúde em todos esses aspectos. A negação do amor é a causa de 99% das doenças humanas. Esta afirmação está baseada na Biologia, independentemente de qualquer religião ou crença.

A aceitação mútua, o respeito a si e ao outro, de acordo com Maturana (1998), são condições básicas nas relações humanas e sociais. Criar um ambiente propício para que estas qualidades se desenvolvam é papel da Educação comprometida com o social. A criança que não desenvolve o respeito por si mesma e a aceitação de si mesma, tem dificuldade de aceitar e respeitar o outro. Estará vulnerável aos sentimentos de temor, inveja e desqualificação do outro.

Ainda, de acordo com Maturana:

O central na convivência humana é o amor, as ações que constituem o outro como um legítimo outro na realização do ser social que tanto vive na aceitação e respeito por si mesmo quanto na aceitação e respeito pelo outro. A biologia do amor se encarrega de que isso ocorra como um processo normal se se vive nela.” (MATURANA, 1998, p. 32).

Para viver no amor, ou seja, em interação com o outro, aceitando-o e respeitando-o como um legítimo outro na convivência, Maturana (1998) diz que é necessário aprender uma série de comportamentos básicos:

- a respeitar os próprios erros, considerando-os não como problemas ou limitações, mas como oportunidades de crescimento;
- a avaliar-se pela seriedade e responsabilidade das próprias ações e não na relação competitiva com o outro;
- a conhecer e respeitar esse mundo, o ambiente em que se vive, seja ele qual for;
- a valorizar o que é seu, a sua realidade, partindo sempre dela para o próprio crescimento;
- a viver o que se prega, ou seja, que as ações sejam um reflexo daquilo que se sente, se pensa e se fala;
- a coexistir harmonicamente com o mundo natural;
- a ser co-criador do mundo em que se vive, com responsabilidade e liberdade.

Conforme Maturana (1998), o Ser Humano, enredado na teia que criou, muitas vezes se encontra sem saída e pensa que o único caminho é preparar as pessoas, desde crianças, para se adaptarem a esse mundo de desigualdade e competição, de exploração e injustiça, de agressividade e luta. Mas esta atitude é equivocada, pois estará reforçando esse estado de coisas que desumanizam gradativamente o Ser Humano e referendam a luta e a agressividade como elementos naturais do humano e do social. Em suas próprias palavras:

Não é a agressão a emoção fundamental que define o humano, mas o amor, a coexistência na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência. Não é a luta o modo fundamental de relação humana, mas a colaboração. (MATURANA, 1998, p. 34).

Para Rolando Toro ([20—], p. 36), a consciência ética é o nível mais elevado da evolução humana. Ter consciência ética é ter a compreensão da unidade com o outro, de que estar com o outro é o mesmo que estar consigo próprio. Para ter

consciência ética é condição essencial a capacidade de se relacionar empaticamente com o outro, ou seja, ter capacidade de se sentir na pele do outro, de se colocar na situação do outro. A consciência ética está também relacionada aos sentimentos de compaixão e ternura. Ter consciência ética é vivenciar o Deus interno, os sentimentos íntimos de bondade e de fraternidade infinitos; é vivenciar a santidade das relações entre os seres humanos.

3.3. A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL VISTA A PARTIR DO SISTEMA *BIODANZA*

A transformação mediante Biodança não é uma mera reformulação de valores, mas sim uma verdadeira transculturação, uma reaprendizagem a nível afetivo, uma modificação límbico-hipotalâmica.

Rolando Toro

Biodanza, mais que um instrumento de autoconhecimento e de desenvolvimento de potencialidades humanas, é uma proposta de vida com base no resgate das suas funções originais, através da conexão profunda do indivíduo consigo mesmo, com os outros seres humanos e com a natureza.

Biodanza vai além de um mero trabalho corporal, pois quando se dança em *Biodanza*, movimenta-se não somente o corpo, mas a vida impressa nele ao longo da história de cada um. O corpo é como um mapa onde estão registradas as experiências vividas. O modo de ser ou estar no mundo, o caminho existencial, estão nele impressos, determinando o modo de pensar, sentir e agir, a postura corporal, a saúde ou doenças, a expressão existencial. Nas palavras de Rolando Toro:

O corpo é o resultado de uma postura existencial [...] O que fez a sociedade desse corpo? O que fez a sociedade do corpo desse operário com as costas encurvadas, com as mãos endurecidas, com a boca apertada, com o sexo impotente? Onde começa a humilhação e onde termina? Onde sua impotência sexual não é a impotência de toda a sua vida? Onde a cifose dorsal não é identidade massacrada? O que fez a sociedade do corpo da prostituta e o que fez a sociedade do corpo do soldado? [...] O que fez a sociedade com os seios que nos amamentam, com as bocas sem dentes? [...] O que fez a sociedade com os nossos pobres cérebros delirantes? [...] Somos a expressão grotesca de nossos valores culturais.” (TORO, 1991, p. 111).

De acordo com Maturana e Verden-Zöller (1993), a dissociação herdada da corrente cultural grega, entre corpo e alma, valorizando esta última em detrimento do primeiro, tem levado o ser humano à negação da própria corporalidade, assegurando a supremacia da alma sobre o corpo, dificultando a compreensão de si mesmo como ser que existe na integração entre razão e emoção, tendo como resultado as diversas perversões humanas e sociais como o crime, a guerra, a neurose, o fanatismo, o sofrimento social.

Ainda conforme Maturana e Verden-Zöller (1993), outra característica da cultura ocidental moderna que dificulta a vivência da corporalidade é a orientação para a produção e a apropriação. O indivíduo é valorizado pelo que produz e pelo que tem. É confundido com os resultados de suas atividades. Fica com a identidade associada ao seu trabalho e aos bens que possui. Além do que, essas características trazem consigo o desejo de controlar o outro e, para isto, tem que negá-lo, seja pelo uso da força ou ameaça, seja por exigência de obediência baseada num argumento racional.

E continuam Maturana e Verden-Zöller (1993) dizendo que o ser humano é o que é em função não somente de suas características genéticas e hereditárias, mas também pela vivência cultural a que está exposto, ou seja, pelas relações que estabelece com seu meio. O ser humano traz em si a possibilidade de caminhos diferenciados, dependendo dos estímulos que recebe. Se o ambiente lhe proporcionou o crescimento no amor, terá a capacidade de viver em amor. Por outro lado, tem a capacidade também de aprender e expressar em suas ações os sentimentos de desconfiança, de indiferença e de ódio. Porém, quando isto acontece e toma parte no cotidiano de sua existência, cessa a vida social e com ela a dimensão humana do ser humano, já que esta está fundada no amor, na aceitação mútua, na cooperação.

Os humanos, conforme Maturana e Verden-Zöller (1993) são seres que vivem imersos na cultura ocidental, aprendem a valorizar mais o intelecto, a razão, a racionalidade, em detrimento do mundo emocional. O ser humano não nasce humano, torna-se humano nas interações que estabelece com os pais e com o meio em que vive. Sua humanidade se constrói à medida que cresce na relação de total confiança mútua e de total mútua aceitação corporal nas relações lúdicas com seus pais.

Através da *Biodanza* coloca-se em movimento a própria vida e, ao movimentá-la, abrem-se possibilidades de transformações com vistas a uma vida mais natural, saudável, equilibrada, em harmonia com a natureza.

Como já foi dito anteriormente, a *Biodanza* fundamenta-se no Princípio Biocêntrico que amplia o conceito de vida e também as possibilidades de relações baseadas na reciprocidade, no espírito de coletividade, onde, de acordo com Ferreira (1997, p. 30) “Não importa tanto a ‘minha evolução’, no sentido egoísta. Individualmente ninguém evolui. Evolui-se sistemicamente, de braços dados com as outras manifestações de vida.”

No Sistema *Biodanza*, o foco é colocado no que resta de positivo no ser humano, ou seja, busca-se o que existe de saudável no indivíduo e na sociedade. Metaforicamente, pode-se dizer que se aposta na capacidade de ampliação da luz que existe em cada um e na possibilidade de irradiação dessa luz para o universo. De acordo com Toro (1991), o investimento se dá no desenvolvimento do potencial existente, que sempre esteve presente no ser humano, porém atrofiado, deformado pela cultura. Esta passa de pai para filho sucessivamente e, sem que o ser humano se dê conta, vai repetindo a história e consolidando seus valores. É necessário cortar esse fio, mudar essa história. Para isto é necessário que o ser humano encontre oportunidades e permita-se o regresso à origem, o retorno a si mesmo e a conexão com seus potenciais internos de vitalidade, sexualidade, criatividade, afetividade e transcendência, que representam as cinco linhas de vivência desenvolvidas pelo sistema *Biodanza*. Conforme Toro (1991, p. 108), “*Es indispensable que cada uno viva el paraíso para que tenga el coraje de luchar por ese mundo.*”

Um dos grandes equívocos das revoluções sociais, diz Toro (1991), é ignorar o desenvolvimento, a evolução dos seres individuais. Em geral, o que acontece como resultado é a substituição de uma patologia por outra. A revolução exitosa se dá a partir da saúde e não da neurose, do ressentimento. Quando as mudanças sociais ocorrem a partir da luta política, sem a real transformação das pessoas envolvidas, essas mudanças são externas e, normalmente, o que ocorre é a transferência de poder de uma classe para outra. Apenas invertem-se os papéis de dominação e submissão. Se aquele que quer fazer a transformação social não muda a si mesmo, não consegue ser convincente, não consegue influenciar verdadeiramente o outro, é pobre no que tem a oferecer. Já está provado que se

aprende muito mais com o exemplo, com aquilo que se observa do comportamento do outro do que com a fala. É importante a integração entre o discurso e a prática para que a transformação ocorra.

Não basta uma ideologia para a transformação. É imprescindível a vivência do que se acredita importante para a sociedade. A criação e manutenção das estruturas e organizações sociais dependem dos conteúdos internos de cada homem que as compõe e das relações e modos de vinculação que estabelece com outros seres humanos, com o seu meio ambiente, com o mundo, enfim. Não se transforma a sociedade sem uma transformação das pessoas que a constituem. O indivíduo influencia a sociedade e é por ela influenciado. É no social que o homem se constrói e, à medida que se constrói, vai construindo o social. Há uma relação dinâmica e interdependente entre ambos.

Toro (1991) diz que de nada adianta conhecer os livros que falam da transformação social e seus autores, de nada adianta fazer planos para mudar o mundo ou o país se, na prática, concretamente, não se consegue estabelecer relações saudáveis com a família, no ambiente de trabalho, com os seus vizinhos. Há que se começar, concretamente, com quem está próximo, com as pessoas de carne e osso com quem se convive, com os grupos dos quais se faz parte e não com uma sociedade, com uma humanidade abstrata.

As transformações individual e coletiva caminham juntas de forma interdependente.

De acordo com Toro (1991), é a vivência comovedora e profunda do sentimento de fraternidade que dá origem à dimensão sociológica da *Biodanza*. Este sistema ativa os núcleos inatos de vinculação, permitindo a transformação social em profundidade.

Toro (1991) diz que já está provado pelos estudos e pesquisas dos etólogos e sociólogos que o homem tem um instinto gregário vinculado à sobrevivência da espécie. Hoje se vai mais longe, ampliando-se esse conceito de vinculação e sabe-se que o homem está vinculado a todo o universo pelo processo da vida. Porém, com o desenvolvimento do ser humano, submetido a um processo histórico-cultural patológico, essa característica inata, instintiva, sofre deformação e o homem desenvolve atitudes de segregação, de rejeição, de agressão e exploração de outras pessoas.

Como reverter esse processo?

A ideia, diz Toro (1991), é interferir no círculo vicioso, no sistema que se retroalimenta, introduzindo um elemento novo e fundamental que diminua a tensão nas relações e que estimule o ser humano ao contato com o outro ser humano. É necessário proporcionar a ele experiências que ativem os núcleos inatos, biológicos, instintivos e emocionais do contato corporal. A partir de uma profunda convicção afetiva, o ser humano percebe que já não pode mais segregar o outro, que já não tem sentido o preconceito racial, que não há lugar para a exclusão de seu semelhante, pois se dá conta, vivencialmente, da sua vinculação com a totalidade e percebe que o que acontece com seu irmão é parte dele também e já não consegue mais ser indiferente ao que sucede a sua volta.

Conforme Toro (1991), ao pretender a transformação da sociedade, o ser humano tem que começar a mudar algumas coisas em sua vida.

Maturana e Verden-Zöllner (1993) falam que, em geral, não se está habituado a uma reflexão frequente sobre o próprio viver. A cultura nega ou restringe o processo reflexivo quando aceita a autoridade, quando deseja o controle, a apropriação, quando quer a conservação do que é seguro, quando busca a certeza, a verdade, a ambição. Para que a reflexão aconteça é necessário que haja uma insatisfação com o modo de vida atual e o desejo de construir algo diferente do que está estabelecido. Isto é o que está acontecendo hoje na cultura vigente, mas junto com isto o ser humano vive, emocionalmente, em fundamental contradição, ou seja, tem desejos antagônicos, querendo algo, porém sem desfazer-se daquilo que impede a concretização de seu desejo, ou seja: quer conservar o mundo natural, mas não quer deixar o consumismo; quer gerar solidariedade, no entanto quer conservar o viver na apropriação; quer liberdade e, ao mesmo tempo, conservar a certeza e a segurança; quer respeito mútuo e autoridade também; quer, por um lado, viver em colaboração e, por outro, continuar a viver em competição; deseja acabar com a pobreza e almeja tornar-se infinitamente rico; quer ser amado e, ao mesmo tempo, obedecido.

Essas contradições básicas, continuam Maturana e Verden-Zöllner (1993), precisam ser dissolvidas para que o homem possa viver em harmonia, através da construção de um modo de vida baseado no amor e em todas as suas consequências. O ser humano precisa também ter a coragem de abandonar o emocional patriarcal que traz consigo o emocional da apropriação, da valorização da procriação e seu conseqüente crescimento populacional desmedido, do controle,

da busca de segurança, da autoridade e da obediência e da desvalorização das emoções e da sexualidade. Desta forma pode viver plenamente a seriedade e a responsabilidade pela construção de um mundo humano, gerado no dia a dia, em harmonia com o mundo natural a que pertence.

De acordo com Toro (1991), cada indivíduo tem a possibilidade de contribuir com a transformação social através de pequenos atos em sua vida cotidiana. O primeiro passo é assumir a responsabilidade por sua vida, por seus atos e querer sinceramente uma mudança interna, acreditando que este é o caminho para influenciar positivamente o meio em que vive. É abrir-se para a transformação de si mesmo como condição indispensável para a felicidade e não colocar a sua felicidade na mão do outro, como responsabilidade de algo ou alguém no mundo externo. Se quer mais amor no mundo, mais afeto, mais carinho, pode começar por dar mais atenção, abraços, carícias aos que estão próximos: aos pais, por exemplo, aos filhos, aos amigos, ao companheiro ou companheira de sua vida, e, à medida que intensifica o amor pelos que o cercam, vai ampliando a capacidade de amar também os que não conhece, pois passa a reconhecê-los verdadeiramente como irmãos, como partes de si mesmo, quando toma consciência da totalidade, da unidade na qual está inserido.

Os valores que o ser humano constrói ao longo de sua vida tem raízes profundas na estrutura afetiva da personalidade, diz Toro (1991), não sendo possível, portanto, modificá-los em profundidade através da doutrinação, ou meramente pela via racional. Está aí a origem do fracasso das revoluções sociais em que os “revolucionários” são motivados por ideologias, e não por vivências reais que desenvolvam sua sensibilidade social e humana, que mudem intrinsecamente sua atitude como homens frente a outros homens. É necessário que se assuma um amor corporal, integrado, concreto, encarnado e não um amor meramente social e abstrato. São homens de melhor qualidade que realizam as mudanças sociais, pois estas não podem ser simplesmente definidas por decreto. Para Toro (1991, p. 89), *“La reconstrucción social es, en el fondo, la reconstrucción afectiva.”*

Conforme Maturana (1998), é de suma importância que o processo educativo se transforme e tome novos rumos para que se possa alinhar e contribuir com o processo evolutivo da humanidade, tendo como bússola, como direção, o amor e, a partir dele, o respeito por si, pelo outro, pela natureza. É necessário que a Educação permita corrigir a visão equivocada de progresso, muito ligada ao

desenvolvimento tecnológico, mostrando que o progresso verdadeiro está no estabelecimento de uma relação harmônica com o mundo natural, baseado na aceitação, no conhecimento e respeito por ele, sendo isto consequência do aprendizado da aceitação e do respeito por si mesmos enquanto indivíduos.

De acordo com Rolando Toro:

Si en alguna parte ha de comenzar una auténtica revolución ha de ser en las escuelas por el cultivo de las potencias creadoras y el desarrollo de personalidades energéticas. [...] Quizás cuando se comience a pensar que la tarea del maestro es una tarea de integración afectiva, que sus fines profesionales no pertenecen al mundo técnico y que su enseñanza debe incidir en el descubrimiento de lo real y en el asombro de cada día, se habrán creado las condiciones ecológicas de la salud y del esplendor. (TORO, 1991, p. 86).

A proposta de Rolando Toro é de uma educação baseada no princípio biocêntrico, em que a escola seja um espaço de aprendizagem para a vida, e que a pedagogia essencial seja a do afeto. Uma escola que respeite a história de vida dos alunos e a sua relação com o meio em que vivem; que considere a sua vida interior, seus sentimentos e emoções, suas formas subjetivas de interação com o externo; que integre o pensar, o sentir e o agir; que inclua o corpo como expressão existencial da totalidade do ser humano. Uma escola que, a partir da inclusão e desenvolvimento do ser individual, promova a ampliação de consciência e a construção da dimensão social das relações, baseadas na aceitação e respeito mútuo e na convivência sadia com a diversidade.

3.4. A EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA

A Educação Biocêntrica, proposta pela *Biodanza*, parte da percepção de Rolando Toro sobre a educação atual, que dissocia o ser humano de sua criação, de sua obra. Ele diz que:

La Educación contemporánea, en casi todo el Occidente, no cumple su tarea de entregar al individuo pautas internas de desarrollo. No despierta en él los gérmenes naturales de vitalidad, ni los valores de lo íntimo. No desarrolla las potencias creadoras, la libertad intelectual ni la singularidad de las aptitudes. No fomenta el esplendor de las relaciones humanas. Su tarea está al servicio del poder político y económico, y para cumplir ese cometido organiza magnos programas de esterilización psicológica.

La Educación actual tiende a producir la adaptación servil a lo establecido. Se trata de crear un sentido del deber y una actitud de respeto frente a cosas que no son respetables. (TORO, 1991, p. 84-85).

Assim como a *Biodanza*, a Educação Biocêntrica está fundamentada no princípio biocêntrico que toma como referência central a vida e sua condição sagrada. A Educação Biocêntrica, conforme Cavalcante (2006)³, propõe a reaprendizagem das funções originais da vida, valorizando o instinto como força de preservação da vida. Diz, ainda, Cavalcante (2006, p. 31)⁴, que “O instinto [...] é uma conduta inata, hereditária, que tem como finalidade biológica a adaptação ao meio natural para a sobrevivência da espécie.” Em nossa cultura, no entanto, o instinto é negado como parte constitutiva de nossa origem animal, sendo visto como algo prejudicial que precisa ser reprimido para que o ser humano possa viver em sociedade. Essa repressão leva à perversão que está na origem de diversas patologias individuais e coletivas.

A proposta da Educação Biocêntrica é, portanto, fazer as pazes com nossa força instintiva, reconhecendo-a como força geradora e impulsionadora da vida.

Como pressupostos para uma Educação Biocêntrica, Flores (2006) destaca como imprescindíveis:

a) O prazer de aprender como estímulo para que o processo de aprendizagem se efetive.

b) O estabelecimento de vínculo entre educador e educando favorece a aprendizagem, pois estimula as estruturas cognitivas, impulsionando-as de forma significativa.

c) A força instintiva geradora, organizadora e conservadora da vida, é cultivada como parte fundamental da totalidade do Ser Humano.

d) A corporeidade é o ponto de partida do processo de desenvolvimento individual e a expressão do indivíduo no mundo se dá por meio de seu movimento pleno de sentido.

e) O fortalecimento da identidade e sua expressão, construindo autonomia, é essencial na Educação comprometida com a vida.

³ CAVALCANTE, R. **Abraçando a Educação Biocêntrica**. In: FLORES, F. E. V. (Org.). **Educação Biocêntrica: aprendizagem visceral e integração afetiva**. Porto Alegre: Evangraf, 2006.

⁴ *Idem*

f) O papel do educador é essencial como facilitador do desenvolvimento e expressão dos potenciais genéticos dos educandos, de forma a possibilitar a manifestação dos mesmos.

De acordo com Flores (2006), o processo educativo proposto pela Educação Biocêntrica tem a *Biodanza* como instrumento mediador em razão dos seus mecanismos de ação estimuladores da expressão dos potenciais de vida e do desenvolvimento de uma identidade integrada, “relacional e amorosa”.

A educadora Ruth Cavalcante, Facilitadora e Didata de *Biodanza* – Sistema Rolando Toro, é uma das mais significativas expressões do processo de sistematização teórica da Educação Biocêntrica, em especial no Ceará. Cavalcante (1999)⁵ propôs, dentro das tendências pedagógicas já sistematizadas, o acréscimo da tendência pedagógica evolucionária para abarcar também a tendência biocêntrica, além da Dialógica, do Construtivismo e do Holismo.

Como pressupostos básicos da pedagogia evolucionária, Cavalcante (1999, p. 33)⁶ assim descreve:

- Compromisso com a vida: solidariedade como uma nova visão ético política;
- Busca integração do ser humano com o Universo – cada parte de um sistema contém informação do sistema completo;
- Reeducação afetiva da vida e elevação do nível de consciência e desenvolvimento moral e ético;
- Integração das ciências com as tradições, as artes, a filosofia;
- Novo código ligando a mente ao coração, à sensação, à intenção, ao pensamento e ao sentimento;
- Diálogo, codificação, decodificação e problematização da situação para compreender o ‘vivido’ até chegar ao nível mais crítico da realidade;
- Cultivo das energias organizadoras e conservadoras da vida;
- Tudo está em movimento, em constante fluxo de energia, em processo de mudança.

De acordo com Andrade e Arraes (1999)⁷, para dar consistência e coerência aos objetivos da Educação Biocêntrica e assegurar a sua operatividade, alguns princípios da *Biodanza* foram estabelecidos:

a) Progressividade: cada pessoa tem um ritmo próprio que precisa ser respeitado.

⁵ CAVALCANTE, R. **A Educação Biocêntrica: a pedagogia do encontro**. In: **Educação Biocêntrica: um movimento de construção dialógica**. Fortaleza: [s.n.], 1999.

⁶ *Ibidem*

⁷ ANDRADE, C. R. X.; ARRAES, C. H. **Educação Biocêntrica e as Abordagens Pedagógicas**. In: **Educação Biocêntrica: um movimento de construção dialógica**. Fortaleza: [s.n.], 1999.

b) Relação de reciprocidade, com *feedback*.

c) Vivencial: amplia-se o trabalho meramente intelectual, proporcionando vivências afetivas, de harmonia, estimulando ao prazer de viver.

d) Reculturação: refletir e repensar a própria cultura e seus mandatos introjetados ao longo da história. Substituir os mandatos antivida, por mandatos pró-vida, de forma a libertar o ser humano dos preconceitos e dos dogmas que o escravizam.

“Para onde nos leva a visão biocêntrica...?” indaga Góis (1999, p.18)⁸, respondendo que a direção dessa visão é no sentido de “contribuir com uma sociedade melhor, mais justa e amorosa.”

A Educação Biocêntrica, de acordo com Andrade e Arraes (1999)⁹, é fundamental para a transformação individual e coletiva, pois propõe a superação da visão individualista e competitiva, oferecendo um caminho para o desenvolvimento do espírito de coletividade e da cooperação.

Finalizando, cita-se novamente Rolando Toro, cuja convicção no potencial transformador da Educação Biocêntrica mediada pela *Biodanza*, o leva a afirmar que:

[...] através de uma só geração se poderia mudar o curso da História, transformando-se os rituais de uma civilização de morte em uma permanente criação de vida, consciente e amorosa. A educação de uma só geração mudaria a qualidade do processo evolutivo mundial. Os homens seriam educados para a Plenitude, como propõe a Cultura Holística. Biodanza está entregando linhas muito poderosas para este Renascimento. (TORO, apud CAVALCANTE, 2006, p. 24)¹⁰.

Espera-se que a visão de Rolando Toro sobre a vida, sobre as relações humanas, sobre a sociedade, sobre a Educação, possa ser melhor estudada, refletida e aproveitada como contribuição para o processo de transformação social com vistas à construção de uma sociedade inclusiva, com justiça e liberdade.

Espera-se, ainda, que suas contribuições com base no Princípio Biocêntrico, conduzam a sociedade a uma reflexão sobre a ética da vida e que essa ética permita a convivência saudável e nutritiva do ser humano, não somente com sua

⁸ GÓIS, C. W. L. **Perceber e tecer a vida**. In: **Educação Biocêntrica: um movimento de construção dialógica**. Fortaleza: [s.n.], 1999.

⁹ ANDRADE, C. R. X.; ARRAES, C. H. *Op. cit.*

¹⁰ A presente citação, de acordo com a obra referenciada, faz parte de mensagem datada de 19/10/82, enviada aos alunos da Escola Nordestina de Biodança. Não consta nenhuma outra referência de origem desse texto.

espécie, mas com as outras formas de vida e com o planeta que é a sua casa, com o qual tem uma relação íntima e interdependente e sem o qual sua sobrevivência é impossível.

Que haja o despertar das consciências individuais e coletivas, direcionadas pela ética da vida, tornando todos e cada um cada vez mais responsáveis por suas expressões e formas de atuação no mundo, sabendo que o movimento de cada um e de todos exerce influência sobre o movimento global.

4. *BIODANZA* E SUA INFLUÊNCIA EM MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA

Dizer-lhe meus PENSAMENTOS é localizar-me numa categoria.
Dizer-lhe meus SENTIMENTOS é dizer-lhe sobre MIM.

John Joseph Powel

4.1. O CONTATO COM A *BIODANZA* – SISTEMA ROLANDO TORO

Quando cheguei à *Biodanza* senti, desde a primeira aula, uma sintonia com esse sistema e, embora, no início, não tivesse uma percepção clara das mudanças que estava promovendo em mim e em minha vida, desejava estar nas aulas, estar com as pessoas, movimentar-me da forma proposta, entrar nas vivências que esse sistema me proporcionava. Eu sabia, intuitivamente, que estava no caminho “certo”, que encontrara algo revolucionário e significativo para a minha existência. Comecei a maravilhar-me com os depoimentos das pessoas, com seus aprendizados e com seu processo de mudança e, assim que surgiu a proposta de criação da Escola de *Biodanza* em Curitiba, lá estava eu participando e me colocando como um dos alunos, pois queria trabalhar com esse sistema, vendo nele um instrumento poderoso de transformação.

Foi na *Biodanza*, ao longo da formação para ser Facilitadora, que comecei a vislumbrar a possibilidade de resgate da minha relação com a questão social, da qual sentia-me afastada e alienada, por total sentimento de impotência diante da realidade. *Biodanza* fez com que acreditasse novamente no ser humano e no seu potencial imenso a ser desenvolvido e devolveu-me a esperança de uma prática inclusiva, libertadora e transformadora.

Minha primeira experiência com *Biodanza* aconteceu em 1994 e foi nesse mesmo ano que, finalmente, criei coragem para fazer a primeira revolução na minha vida: desliguei-me do SESI onde estava insatisfeita, estacionada num trabalho que não encontrava mais ressonância com o que eu almejava. Foi um processo demorado, de alguns anos, até a tomada dessa decisão. Foi sofrido, também, porque tive pouco apoio ou nenhum. As pessoas não compreendiam o porquê de

meu desejo de sair de um trabalho que exercia há 15 anos, onde estava ocupando um cargo de chefia e tinha uma remuneração muito boa dentro dos padrões salariais de uma cidade pequena, do interior do Estado. Consideravam “loucura”, irresponsabilidade, enquanto tantas pessoas procuravam uma oportunidade como a que eu tinha. Na instituição ofereceram-me a possibilidade de licença sem vencimento para que tivesse tempo de analisar melhor a situação. Não aceitei. Precisava desligar-me completamente. Foi o que fiz. Acredito que essa foi a primeira grande contribuição da *Biodanza* em minha vida: encorajamento e fortalecimento para a mudança de “rumo” e a construção de um projeto de vida coerente com meus desejos mais genuínos e com minhas potencialidades.

4.2. DE QUE FORMA A *BIODANZA* AFETOU A MINHA VIDA?

Todo o trabalho da *Biodanza* está voltado para a integração da identidade do indivíduo, identidade esta que é pulsante e transita entre o polo da consciência intensificada de si e o polo da consciência intensificada do todo, ou seja, há o fortalecimento do ser individual e único, com suas características próprias, com seu valor intrínseco, diferenciado dos demais, por um lado e, por outro, o desenvolvimento da consciência da totalidade, onde diminui a consciência individual e aumenta a consciência coletiva e cósmica.

Encorajamento e fortalecimento são características de uma identidade forte e saudável. Participar das inúmeras vivências de *Biodanza* para o desabrochar da identidade, para sua expressão e fortalecimento, foi essencial para que encontrasse a coragem necessária para fazer essa grande mudança em minha vida, conforme relato anterior.

De acordo com Toro (2002), a vivência mais essencial da identidade é a sensação interna, orgânica, corporal, de estar vivo e este “estar vivo” é sentido, vivencialmente, com intensidade e de forma comovente. A vivência da identidade, ou seja, a consciência de si mesmo, se organiza a partir da consciência do próprio corpo e da consciência de ser diferente. A percepção do próprio corpo varia e evolui de acordo com as experiências do indivíduo, podendo sentir o corpo como fonte de prazer ou de dor.

Posso dizer que me sinto mais viva hoje, do que me sentia antes de começar a fazer *Biodanza*. Falo isto não como um conceito teórico, mas como uma

vivência. Minha vitalidade aumentou e, conseqüentemente, tenho muito mais razões para existir, para viver.

A autoestima, de acordo com Toro (2002), é proveniente da sensação de estar vivo, de sentir-se a si mesmo, de sentir o corpo como fonte de prazer, de saber o que se deseja, de perceber-se como ser único e diferenciado dos demais, de assumir a própria identidade, de poder decidir o próprio caminho.

Uma das influências mais contundentes, mais visíveis em minha história foi o aumento da autoestima e autoconfiança, o que possibilitou expressar-me no mundo com maior desenvoltura. Os meus limites se ampliaram e o que antes era improvável para mim passou a acontecer. Fui capaz de assumir trabalhos para os quais, antes, não tinha coragem, por medo de não dar conta, por não acreditar no meu potencial, por ver apenas as minhas limitações e dificuldades, por medo de me expor. Lembro-me de um livro que me marcou muito quando fiz a formação em Socioterapia em 1992, o qual li para um trabalho solicitado durante o curso. Chama-se: Por que tenho medo de lhe dizer quem sou?, de John Powell. E a resposta síntese do livro era, de acordo com Powel (1986, p. 12), “Tenho medo de lhe dizer quem sou porque, se eu lhe disser quem sou, você pode não gostar e isso é tudo que tenho”. O que sou é tudo o que tenho. Isto tocou-me profundamente. Essa constatação faz refletir sobre a importância da aceitação do outro, do acolhimento, da inclusão, da qualificação, da valorização, para que o outro tenha coragem de dizer quem é. Ainda de acordo com Powell (1986, p. 10), “Se exponho a você minha nudez como pessoa – não me faça sentir vergonha.” Esse “quem é” pode se transformar à medida que tem espaço para se expressar. *Biodanza* é um espaço no qual me sinto acolhida, aceita e que me encoraja a dizer quem sou. Encoraja a dar-me colo, a ser tolerante comigo mesma, a sair da onipotência e da superexigência ou, pelo menos, a dar-me conta delas e conseguir conviver com elas sem sucumbir.

Ainda sobre o “dizer quem sou”, lembro-me de um Facilitador Didata de *Biodanza* que, em uma das vivências facilitadas por ele, da qual tive a felicidade de participar, disse algo que para mim soou pleno de sentido e ficou impresso em minha memória. Apreendi das palavras dele que a finalidade de *Biodanza* nada mais é do que fazer com que cada um seja cada vez mais ele mesmo. Ser integralmente, em plenitude, expressando a própria essência, ou seja, à medida que se dança, descobre-se e redescobre-se, tira-se as cascas, percebendo o que há por trás das máscaras que se aprendeu a usar para defender-se, afrouxa-se a “armadura” e

toma-se consciência de que já não se precisa delas a todo momento; já se pode assumir a identidade verdadeira e colocar seu potencial a serviço de si mesmos e do mundo.

Biodanza ensinou-me que as pessoas aprendem e se expressam quando são acolhidas e aceitas nas suas individualidades, com suas qualidades e aspectos não tão luminosos, sem julgamentos. Neste sentido o que se chama de “crítica construtiva” traz um conteúdo de desqualificação e de ênfase no problema, na doença, buscando a solução, a cura. Enquanto que o que faz crescer é a atitude de valorizar o que há de positivo, o que há de saudável, é colocar luz na sombra, sem negá-la. Percebo o quanto isto é verdadeiro para mim. A ênfase nas minhas limitações, nas minhas dificuldades, em meus erros, fez com que me recolhesse cada vez mais e me escondesse, não me expressando verdadeiramente. Criei uma imagem e esforcei-me para adaptar-me a ela com o objetivo de ser aceita, de ser amada e acabei distanciando-me de mim mesma, até não saber mais quem era e transformar minha vida num constante viver para atender às expectativas que, imaginava, os outros tinham a meu respeito. Isto tornou-se claro para mim ao longo do meu processo em *Biodanza*, aliado a outros processos terapêuticos que busquei como complemento em determinados períodos de minha história.

Dei-me conta, em determinado momento, de que “era uma farsa”. Isto veio como um insight doloroso, um “soco na consciência” que me deixou em prantos e vivi intensamente a dor da lucidez. Percebi que vivera durante tantos anos de minha vida anulando-me como ser único, individual, irrepetível, desconectando-me de meus desejos mais genuínos, para viver em função do atendimento às expectativas dos outros. A *Biodanza* auxiliou-me nesse processo de resgate de mim mesma, através das diversas vivências de identidade. “Quem sou? Quais são meus desejos mais genuínos? O que é meu e o que é do outro?” Aos poucos fui resgatando a naturalidade e a espontaneidade.

Biodanza fez com que eu mudasse o foco da “sombra” para a “luz”, ou seja, passei a ver mais beleza, possibilidades, respostas, enfim, a ser mais positiva diante da vida e das adversidades. Tornei-me uma pessoa mais alegre e risonha.

O grupo, em *Biodanza*, é um espaço de acolhimento, é um útero protetor, um ambiente de permissão, onde a identidade pode se manifestar, espelhada por outras identidades. Um dos grandes paradoxos da identidade, de acordo com Toro (2002), é que ela somente se revela, se manifesta, através do outro.

Em *Biodanza* aprendi a ver esse outro com “outros olhos”, a vê-lo como um semelhante que revela, a cada dia, aspectos novos de mim mesma. Esse “outro” é meu parceiro cósmico, existencial, que me permite a experiência da alteridade que, de acordo com Frei Betto,

É ser capaz de apreender o outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença. Quanto menos alteridade existe nas relações pessoais e sociais, mais conflitos ocorrem. (BETTO, 2003, p. 165).

O outro, meu revelador cósmico, é um ser único, caracterizado pela diversidade, tendo um valor que lhe é próprio, intrínseco.

Por meio da *Biodanza*, tenho evoluído na aceitação ao “diferente”, à diversidade, reduzindo os preconceitos, saindo da posição prepotente de “dona da verdade”. A percepção de que os saberes são diferentes, conforme Freire (2013) e, não necessariamente, maiores ou menores, influencia as relações humanas de forma infinitamente positiva, já que tira a hierarquização do conhecimento e promove a horizontalização, onde todo conhecimento tem sua importância na totalidade. A pessoa sai do poder de seu ego e vê que há algo além dele. Que há outros saberes, outras percepções, outros conhecimentos que não domina e que são importantes, imprescindíveis dentro da relação de interdependência em que se vive. Neste sentido, percebo que tenho evoluído no que diz respeito ao escutar, ao saber ouvir, que é um dos primeiros níveis de transcendência. Rubem Alves tem um texto lindo e muito verdadeiro para mim, que se chama *Escutatória*, onde ele fala da dificuldade de ouvir o outro e, ao mesmo tempo, da importância de ouvir o outro para a comunicação humana. Ele diz que:

[...] a gente não aguenta ouvir o que o outro diz sem logo dar um palpite melhor, sem misturar o que ele diz com aquilo que a gente tem a dizer. Como se aquilo que ele diz não fosse digno de descansada consideração e precisasse ser complementado por aquilo *que a gente tem a dizer*, que é muito melhor [...] Nossa incapacidade de ouvir é a manifestação mais constante e sutil da nossa arrogância e vaidade: no fundo, somos os mais bonitos... (ALVES, 2011, p. 67).

Biodanza ensina-me a ouvir com todo o corpo e a estabelecer relação em *feedback* com o outro, ouvindo não só suas palavras, mas também seus gestos plenos de sentido.

Biodanza é também definida como a poética do encontro humano porque aproxima um ser do outro de modo verdadeiro e profundo, buscando a comunicação

de almas, da essência de um ser para o outro. Descobri a importância de olhar nos olhos das pessoas, de tocar e ser tocada, de qualificar o outro, de reverenciá-lo, de ser grata, de maravilhar-me diante da beleza existente em cada um, enfim, de celebrar o extraordinário que há no encontro humano. Tornei-me uma pessoa mais afetiva, que expressa mais seus sentimentos em relação às pessoas, para elas mesmas. Acredito nas palavras que ouvi de Rolando Toro de que todo ser humano tem uma necessidade básica em termos subjetivos que é amar e ser amado; é a força do amor (Eros) que une tudo o que existe.

Por meio da *Biodanza* aprendi a viver a sexualidade sem culpa e a ampliar a possibilidade de prazer corporal. A face transcendente de Eros, unindo sexualidade, afetividade e transcendência me proporcionam vivências de intenso prazer e plenitude.

De acordo com Heidegger (1969, p. 31), “[...] o homem é um poema começado.” Parafrazeando-o, pode-se dizer que o ser humano é um poema inacabado. Um poema que se escreve a cada passo do seu caminhar pela existência. É um ser que se constrói na experiência mesma do viver que se faz cotidianamente.

Sou um poema inacabado, contendo o maravilhoso da incerteza e a lucidez da transformação contínua. Sou um poema escrito na eterna dança da vida.

Dançando minha existência, estimulada pela forma poética que a *Biodanza* propõe para o encontro comigo mesma, com o outro e com a vida de um modo geral, fui me redescobrimo, resignificando meus gestos, meus movimentos e colocando-me de forma mais verdadeira, íntegra e espontânea na relação com o mundo.

Gradativamente, vivencialmente, fui fazendo descobertas, e entre elas descobri que a criatividade é um potencial biológico presente em todos os seres humanos, que faz com que se adapte e sobreviva, independentemente de ser capaz de expressar isto numa obra de arte (poesia, pintura, escultura, etc.). Contudo, mesmo não sendo artista, eu mesma surpreendi-me a escrever poemas. Não, não sou poetisa, e posso poetizar em alguns momentos quando permito-me a conexão com meu ser espontâneo e verdadeiro que se manifesta livre das proibições culturais e das noções de certo e errado ou daquilo que se convencionou poesia.

Biodanza me ensinou o valor da vivência, da experiência. Neste sistema de desenvolvimento humano faz-se uma inversão epistemológica: primeiro a vivência,

depois a consciência. Esta consciência é corporal, passa pelo sentir. Descobri que poderia, teoricamente, intelectualmente, adquirir uma infinidade de conhecimentos, porém, a capacidade de colocá-los em prática somente é desenvolvida pela experiência, pela incorporação do saber. Posso, por exemplo, aprender muito sobre Afetividade, teoricamente, pelos livros que falam sobre o assunto. No entanto, no momento em que tomo das mãos do outro e que mergulho no seu olhar ou que o toco e acaricio, ou que caminho com ele buscando a sintonia de ritmo, ou que entro em uma dança de eutonia¹¹, buscando o resgate da relação de reciprocidade com o outro, entre tantas outras possibilidades, é que, vivencialmente, aprenderei a expressar meu ser afetivo e amoroso, e entrarei em contato também com todas as dificuldades e limitações a respeito, que não aparecerão no domínio do conhecimento meramente teórico.

O Princípio Biocêntrico, proposto por Rolando Toro e apresentado como a fundamentação básica do Sistema *Biodanza*, despertou em mim uma nova forma de perceber e sentir a vida. Aprendi que ela é sagrada em todas as suas formas de manifestação e desenvolvi o sentimento de gratidão diante dela, aprendi a reverenciá-la e também ao outro ser humano como uma das formas de manifestação da vida. A compreensão desse princípio redireciona meu caminhar pela existência e coloca-me diante da ética da vida, através da qual passo a refletir sobre as consequências de minhas ações, de minhas atitudes, no todo da criação e torno-me cada vez mais responsável pelo que penso, sinto e faço. Leonardo Boff diz que:

Faz-se urgente uma ética centrada na unidade e sacralidade da vida em todas as suas manifestações, ética da corresponsabilidade pela herança que recebemos de bilhões de anos de processo evolutivo e ética da compaixão por todos os que sofrem, espécies ameaçadas de extinção e especialmente os milhões e milhões de seres humanos condenados à exclusão. [...] Como estamos inseridos num inarredável sistema, a mudança de um fator afeta todos os demais fatores sistêmicos. Por isso, cada um é importante. Por ele pode passar a energia da grande mudança. Todos somos cada um. Todos, então, contamos e somos imprescindíveis. Cultivar essa consciência, traduzi-la no cotidiano de nossas práticas, auscultar o chamado do Espírito que fala na profundidade humana e no curso dos tempos históricos, celebrar com jovialidade a alegria de viver e de se comunicar é já ter feito a mudança para o novo paradigma, é sentir-se já

¹¹ A dança de eutonia tem como objetivo principal a superação progressiva da tendência a estabelecer relações interpessoais de dominação-submissão, resgatando a relação de reciprocidade entre as pessoas. Realiza-se em par, frente a frente, com os indicadores da mão direita unidos, buscando igualar o tônus muscular. O movimento acontece de forma suave e fluída sem que, necessariamente, um conduza e o outro acompanhe.

cidadão da nova humanidade reunida num único lugar: na casa comum, a Terra (BOFF, 2005, p. 166-167).

Assumir minhas responsabilidades diante da vida fez com que saísse da dependência do padrão da vítima sob o qual vivia. Isto fez grande diferença em minha caminhada. Esse padrão me limitava, pois enquanto vitimizava-me era impotente para agir e tomar as providências necessárias para sair da situação, porque a responsabilidade era colocada fora de mim. Desapareceu o padrão? Consegui livrar-me dele? Não. Ele é parte da minha constituição, está impresso em mim como uma das formas que inconscientemente escolhi para me defender diante de ameaças externas. O que mudou, então? Tornou-se consciente para mim e então pude enfrentá-lo, pude lidar com ele e escolher outro posicionamento que não esteja sob seu jugo. Por vezes, ainda, dou-me conta de estar tomada por esse padrão e não encontro saída de imediato. Então digo a mim mesma: “Sim, estou no papel de vítima e nesse momento não sei o que fazer”. Entro na aceitação e na tolerância comigo mesma. Dou-me um tempo, contribuo para não me colocar mais para baixo do que já estou e, desta forma, consigo sair desse estado mais rapidamente. Experiências novas foram sendo impressas em meu ser, tornando mais fracas as influências das anteriores, não tão saudáveis.

Em *Biodanza*, cada ser é convidado a expressar-se e o grupo é preparado para acolher cada expressão, sem julgamento. Não existe movimento certo ou errado, não existe correção de movimento, existem propostas de movimentos a serem experimentados e isto contribui para o resgate do movimento natural, espontâneo, genuíno. *Biodanza* me ensina a espontaneidade, a simplicidade, o caminho ao encontro do **ser natural** [grifo nosso]. Isto não significa que *Biodanza* seja uma “dança livre”. Ela tem movimentos estruturados, com suas formas e objetivos, porém, cada pessoa tem a liberdade de colocar-se dentro da proposta com as suas peculiaridades, com o seu jeito único e diferenciado de ser. Não existem cobranças em termos de resultados, de performance, ninguém tem que chegar a lugar nenhum que não deseje ou para o qual não se sinta preparado. Autorregulação é fundamental. O tempo todo as pessoas são convidadas a estarem presentes no aqui-agora, no corpo, no movimento, percebendo seus limites e possibilidades. Não existe competição, ninguém tem que vencer ninguém, nem movimentar-se melhor que ninguém. Falando nisso, outra questão importante que *Biodanza* me fez compreender é que competição sadia é algo no mínimo

contraditório. Competição é um processo que traz em si a exclusão. Para que um ganhe o outro precisa necessariamente perder. Nas palavras de Maturana:

A competição sadia não existe. A competição é um fenômeno cultural e humano, e não constitutivo do biológico. Como fenômeno humano, a competição se constitui na negação do outro. Observem as emoções envolvidas nas competições esportivas. Nelas não existe a convivência sadia, porque a vitória de um surge da derrota do outro. O mais grave é que, sob o discurso que valoriza a competição como um bem social, não se vê a emoção que constitui a práxis do competir, que é a que constitui as ações que negam o outro. [...] fala-se de livre competição como se esta fosse um bem transcendente, válido em si mesmo, e que o mundo todo tem de valorizar positivamente e respeitar como a uma grande deusa, ou talvez um grande deus que abre as portas para o bem estar social, ainda que, de fato, negue a cooperação na convivência, que é o que constitui o social” (MATURANA, 1998, p. 13-14).

A prática de *Biodanza* e o papel de Facilitadora dessa prática transformaram e continuam transformando a minha vida. Assumo *Biodanza* como um jeito saudável e feliz de **ser** [grifo nosso], como uma forma leve e alegre de viver.

Com a *Biodanza* tornei-me uma pessoa mais flexível nos pensamentos, nos movimentos, nas posturas, nas ações.

4.3. POR QUE CONTINUO FAZENDO *BIODANZA*?

Porque mantém minha conexão com a vida. Porque reaviva minha memória, vivencialmente, sobre o que é essencial, o que é importante. Porque conserva viva em mim a esperança de que a espécie humana consiga encontrar o caminho que a leve para casa. Que consiga vencer a ilusão da separatividade e se perceba novamente na sua relação de interdependência cósmica.

Porque me afasta do isolamento autodestrutivo e do individualismo danoso e alimenta a conexão comigo, com o outro e com o mundo do qual sou parte.

Porque revela a mim mesma, progressivamente, o que sou, a partir do outro, meu espelho.

Porque auxilia a manter acesa em mim a chama da esperança: esperança na capacidade da espécie humana reencontrar o caminho da inclusão.

Esperança nessa ampliação de consciência que resulte na transformação da sociedade no sentido da construção de uma cultura biocêntrica, onde a vida é sagrada e centro de todo o existente. Esta é a sociedade com a qual sonho: uma sociedade biocêntrica, centrada na valorização da vida e no reconhecimento de sua

sacralidade, onde o amor seja o guia, o que anima as relações, onde o “diferente”, o “estranho”, seja visto como um semelhante que estimula a crescer; onde a diversidade seja reconhecida como característica fundamental da vida que a alimenta e a faz reproduzir-se; onde os seres humanos possam olhar e ver além da aparência, numa conexão de centro a centro, essencial e afetivo; onde a evolução, o progresso, seja uma construção coletiva que inclui, baseada na cooperação; onde o **ser** [grifo nosso] seja o valor supremo e o **ter** [grifo nosso] apenas uma consequência.

Uma voz interna surge como um alerta: mas isto é utópico e romântico. Isto não existe. Desde que o mundo é mundo, os homens guerreiam, existe pobreza, dominação, competição. São os problemas e as dificuldades que fazem crescer, que estimulam a novas buscas, que fazem o **progresso** [grifo nosso].

De que “progresso” se está falando? Sobre o desenvolvimento tecnológico que beneficia uma parte da população e traz consequências sérias e ameaçadoras à sobrevivência das espécies e até do planeta? Que promove a valorização da máquina em detrimento da dignidade humana? Sobre a fome que ainda escraviza milhares de pessoas em todo o mundo? Sobre a violência que dizima vidas sem piedade, que tortura, que aleija, que espalha medo e insegurança? Sobre a poluição, o desmatamento, a má distribuição de renda?

O que é o ser humano? O que é humanidade? Parece que as arenas da antiga Roma hoje se aperfeiçoaram, mudaram de nome e assumiram outras características. O ser humano tornou-se frio diante da tragédia de sua espécie. Isola-se cada vez mais e trata de garantir a própria segurança, cada vez mais impotente e indiferente diante do caos social.

De acordo com Maria Cristina Tezza,

*A verdadeira natureza do homem é infinita, cósmica, universal, íntegra, unitária, agregadora, como a própria vida. [...] Compreendemos o homem como um Ser – extensão do poder único – vivendo uma existência humana na superfície da Terra para descobrir e desenvolver sua verdadeira identidade – espelhar **sua condição real** – expressando suas potencialidades essenciais (self) através da **união consciente** com o Todo, por meio de sua personalidade. (TEZZA, 2004, p.43, grifo da autora).*

Ainda de acordo com Tezza (2004, p. 44), “O homem consciente de quem realmente é age de forma harmônica com a natureza em seu sentido global.”

Pergunto a mim mesma o que posso fazer? O que estou fazendo? De que forma posso ampliar minha participação na construção desse mundo novo ou será resgate do que já existiu? Maturana e Verden-Zöllher (1993) falam da cultura matrística como uma cultura anterior à constituição do patriarcado. Usam a palavra matrística com um sentido contrário ao da palavra matriarcal que, no seu entender, é o mesmo que patriarcal, pois apenas se inverte a posição de dominação dos sexos, passando este papel a ser assumido pelas mulheres.

A palavra matrística é usada por Maturana e Verden-Zöllher (1993) para denominar uma cultura que, conforme estudos arqueológicos, existiu na Europa, no período entre sete e cinco mil anos antes de Cristo, cujas características principais eram:

- ausência de propriedade, de apropriação da natureza para usufruir benefícios próprios e, em consequência, ausência de competição; possuir não era um elemento central em sua existência;

- não havia desejo de dominação recíproca, ou seja, viviam em igualdade, nenhum era melhor que outro, apenas diferente e todos poderiam desfrutar do bem estar que surgia da harmonia do mundo natural;

- vivia-se no respeito mútuo, na cooperação, na relação harmoniosa com a natureza;

- supõe-se que as conversações devem ter girado em torno de elementos integradores como a participação, a inclusão, a colaboração, o respeito, etc. Estas conversações também fazem parte hoje de nosso linguajar e isto significa que temos acesso, atualmente, ao conjunto de ações e emoções que elas evocam, mas não fazem parte de nosso modo geral de viver, não é o que predomina em nossa cultura. Aqui há uma esperança, pois este conjunto de ações e emoções podem vir a ser o aspecto predominante em nossa cultura, desde que se ampliem as conversações que as mobilizam e que se tornem hábitos, que sejam incorporados ao sistema cotidiano de vida e que possam ser perpetuados através das gerações vindouras;

- não havia luta por dominação ou poder, porque a vida não estava centrada no controle e na apropriação;

- vivia-se de acordo com o pensamento sistêmico em que tudo estava interligado, numa relação de interdependência;

- viviam centrados no amor, sendo que a competição e agressão se manifestavam como fenômenos ocasionais no viver cotidiano;

- as crianças da cultura matrística chegavam à vida adulta envolvidas pelo mesmo emocionar que tinham na infância, ou seja, cresciam desenvolvendo o respeito por si e pelo outro, através da aceitação mútua, do compartilhar, da participação, da cooperação.

Biodanza solidificou em mim a convicção de que a mudança lá fora (externa, no mundo), depende da mudança dentro (interna, particular) e vice-versa. Há uma relação dinâmica entre o geral e o particular, entre o individual e o coletivo. Conforme Sams (1994, p. 62), “A paz mundial começa dentro do coração de cada indivíduo”. Por meio das mudanças que cada ser humano possa realizar em si e/ou em seu meio mais próximo, pode-se chegar a uma transformação maior em termos de sociedade e de mundo. O importante é começar de onde se está, a partir de si mesmo, com os que estão mais próximos. Cada ato humano tem influência no todo da criação. Esta convicção é que me move e me dá sustentação para continuar acreditando na vida e no ser humano e que faz sentir-me responsável pelo meu caminhar pela existência.

Pode parecer, com estas colocações, que eu veja a sociedade como a simples soma de atos humanos, mas não é assim. Vejo a sociedade, a organização social, como resultado das interações do homem com o seu meio, da rede de relações que estabelece nessas interações, decorrentes do seu instinto gregário, de seu desejo e necessidade interior de viver em comunidade. A partir desta concepção, homem e sociedade influenciam-se mutuamente, numa relação dinâmica e interdependente.

Para finalizar este relato reafirmo minha convicção de que todos os seres humanos são células desse grande organismo que é o planeta Terra e, como tal, cada um tem sua função para a manutenção do equilíbrio e da harmonia do todo. Desenvolver esta consciência é fundamental para a sobrevivência da espécie e para a qualidade de vida humana e planetária.

Como ser humano e como uma das formas de expressão da vida, reafirmo meu compromisso com ela no sentido de reverenciá-la e protegê-la, buscando, para isto, a nutrição contínua que as vivências de *Biodanza* podem me oferecer individualmente e, também, utilizando este sistema de desenvolvimento humano como ferramenta para desenvolver em outras pessoas essa capacidade inata de amar e, conseqüentemente, de cuidar da vida como bem supremo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meu propósito ao fazer este curso (A Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar), como mostra, em parte, a carta de intenção (em anexo) feita quando da inscrição para concorrer a uma das vagas, foi de atualização, de retomada da minha relação com a questão social, de resgate do meu ser profissional enquanto Assistente Social.

Como expus na introdução deste trabalho, afastei-me dessa profissão por sentir-me impotente diante da realidade e por desacreditar do Serviço Social como caminho para a transformação da sociedade.

Ao longo da minha formação em *Biodanza* e da prática profissional enquanto Facilitadora deste Sistema de Desenvolvimento Humano, vislumbrei a possibilidade de junção da *Biodanza* com a questão social, de utilizá-la como instrumento para o desenvolvimento de pessoas e grupos, de forma a contribuir com seu protagonismo social por meio do encorajamento e do fortalecimento como resultado do reforço da identidade proporcionado por esse Sistema.

Já existe um movimento de *Biodanza*, Ação Social e Educação Biocêntrica, iniciado em agosto de 2005, em Porto Alegre, com o I Encontro de Ação Social e *Biodanza*, promovido pela RINACI (Rede de Integração e Cidadania).

Em janeiro de 2007 participei do II Encontro de Ação Social e *Biodanza* realizado em Porto Alegre/R.S. e apresentei, juntamente com a Psicóloga Rosana Deconto, o projeto que desenvolvemos no I.P.C. (Instituto Paranaense de Cegos), em Curitiba, nos anos de 2004 a 2006. Nesse encontro tomei contato com várias experiências de *Biodanza* desenvolvidas nas áreas da saúde, assistência social, e educação. Vivências aconteceram, integrando uma diversidade de pessoas, de saberes, de instituições, de experiências.

Em 2011 participei do IV Encontro de Ação Social e *Biodanza* e I Encontro de Educação Biocêntrica do Sul, realizado em Gravatal/S.C. Este encontro provocou em mim muitas reflexões sobre o potencial de *Biodanza* como agente de transformação e colocou-me em contato com outras tantas experiências em que o Princípio Biocêntrico estava sendo colocado em prática, através da Educação Biocêntrica e da *Biodanza*. Senti-me inquieta, com um turbilhão de pensamentos, de

reflexões e de questionamentos a respeito de meu papel enquanto Facilitadora de *Biodanza* e de como poderia potencializar a utilização desse instrumento para contribuir com a transformação da sociedade. A transversalidade de temas, vivências, experiências, trazendo a mediação de conflitos, a comunicação não violenta, a economia solidária, entre tantas outras, começou a solidificar em mim uma proposta de direcionamento em relação a minha atuação como Facilitadora de *Biodanza* e como Assistente Social.

Quando foi para definir o tema para este T.C.C. tive algumas dificuldades e oscilei entre escolher um tema ligado ao trabalho que desenvolvo na ONG Associação Arnaldo Gilberti, desde 2005, como coordenadora do Programa Serviço Residencial Terapêutico, que oferece moradia e reinserção social para egressos de hospitais psiquiátricos onde viviam em situação asilar e a *Biodanza*, sistema no qual formei-me e que adotei como uma das formas de atuação para o desenvolvimento de pessoas e grupos, de forma autônoma.

Conversando com a coordenadora do curso, na época, Prof. Helena Kashiwagi, esta enfatizou a importância do tema escolhido ser aquele que encontrasse maior ressonância na pessoa, que causasse prazer, aquele que fosse motivo de maior inspiração. Para mim era claro que o tema mais inspirador e que me animava a escrever era *Biodanza*, em especial, a *Biodanza* como caminho para a transformação social. No entanto, via a amplitude deste tema e não conseguia vislumbrar como colocar em prática essa proposta. Acatei a sugestão da Coordenadora do curso e fiz o primeiro esboço de pré-projeto com o tema *Biodanza* e qualidade de vida. Faria uma pesquisa bibliográfica sobre o tema e uma pesquisa de campo com pessoas que fizessem ou tivessem feito *Biodanza*, no mínimo, por um ano. Quando definida minha orientadora, na primeira conversa que tive com ela, modifiquei novamente o tema, voltando a me aproximar da motivação inicial e resolvi falar de *Biodanza*, afetividade e transformação social. Por sugestão da orientadora, a técnica de pesquisa seria o grupo focal com pessoas do grupo de *Biodanza* do qual fazia parte como aluna. No entanto, por dificuldades pessoais, envolvendo tempo disponível, vimos que não seria mais possível a pesquisa de campo para concluir o trabalho no prazo estabelecido pela UFPR Litoral. Resolvi, então, acatar a nova sugestão da orientadora deste trabalho, de escrever sobre a minha experiência com *Biodanza*, mostrando a influência deste sistema de desenvolvimento humano em minha trajetória de vida.

Tendo como base a minha própria transformação enquanto Ser no mundo e as transformações que fui percebendo nas pessoas por meio do processo da *Biodanza*, vejo que este Sistema tem muito a contribuir com a transformação social, a partir do desenvolvimento das potencialidades humanas, em especial do potencial de afetividade e de como isso pode repercutir positivamente nas relações interpessoais.

A *Biodanza* é um processo grupal, não existe *Biodanza* individual. O desafio que ela coloca o tempo todo é o da relação não só do indivíduo consigo mesmo, mas, principalmente, do indivíduo com outro ser humano e com o grupo. O desenvolvimento proposto pelo Sistema *Biodanza* não é solipsista, mas sim na relação onde se aprende os próprios limites e os limites dos outros, onde a expressão de cada um é acolhida pelo outro com respeito às individualidades e diferenças.

Numa sociedade individualista como na que se vive hoje, onde se aprende, desde a infância, a competir, onde o ditado “cada um por si e Deus por todos” ou o “salve-se quem puder” são realidades aprendidas e vividas no cotidiano, faz-se imprescindível ações que retomem ou, melhor dizendo, que resgatem e desenvolvam os potenciais de cooperação e de vivência coletiva como forma de sobrevivência e de evolução da espécie. O ser humano, por definição, é um ser gregário e sua sobrevivência depende da relação de interdependência não só com sua espécie, mas também com a totalidade cósmica.

Muitos ouviram, desde a infância, que deveriam olhar o estranho como a um inimigo, como uma possibilidade, em primeiro lugar, ameaçadora. “Não fale com estranhos”, “cuidado com o velho”, “cuidado com o negro, o maltrapilho, o esmoleiro”, são expressões que imprimem, ao longo do tempo, preconceitos que dificultam a apreensão da realidade em sua essência. Não estou falando sobre sermos insequentes e ingenuamente acolhermos, de peito aberto, a todos os seres humanos em todas as situações, pois sabe-se que os riscos e ameaças são reais. Catastroficamente, embora o progresso tecnológico seja uma realidade, hoje vive-se, também, a degradação humana, caracterizada pelas condições sub-humanas em que número significativo de seres dessa espécie são obrigados a viver, porque o sistema social os exclui, não oferece espaço para que façam parte da sociedade. E o mais degradante é que são responsabilizados pela situação em que vivem. Não trabalham porque são preguiçosos, acomodados, são maus por

essência e, por isto, as mães e pais são desleixados e descuidados dos filhos, as famílias são desagregadas, e assim por diante. O que podem fazer, aqueles que conseguem uma “vaga de aceitação” dentro do sistema organizado, é defender-se e isolar-se cada vez mais em uma redoma de segurança.

O reforço da identidade proporcionado pela *Biodanza* permite que as diferenças sejam vistas como elementos construtivos e não destrutivos. Portanto, não há necessidade de destruir o que é diferente para que o indivíduo se sinta seguro e possa **ser** [grifo nosso]. Não há necessidade de competir, nem de agredir gratuitamente.

Por outro lado, uma identidade integrada e fortalecida consegue defender-se das ameaças externas. Não estou falando, nem propondo que se aja com ingenuidade, nem que nos coloquemos indefesos diante da realidade. O Sistema *Biodanza* estimula a construção de uma identidade forte, capaz de defender-se das ameaças externas, capaz de colocar limites às situações agressivas, numa relação em *feedback* com a realidade.

Biodanza não é “milagre”, é um caminho que toma como uma das bases a questão afetiva que, penso, deve ser encarada seriamente pelo Sistema Educacional, para o desenvolvimento de uma pedagogia do afeto, que estimule o ser humano à vivência real do espírito de coletividade e cooperação, aspectos que, entre as várias espécies animais, a biologia tem comprovado que foram essenciais à sobrevivência. O ser humano necessita ser cuidado para aprender a cuidar; necessita de amor, para saber amar; precisa viver corporalmente a inclusão, para poder incluir; precisa ser valorizado, qualificado, para aprender a valorizar e qualificar o outro.

A Educação ainda não conseguiu fazer a “grande virada”, embora muitas experiências novas estejam acontecendo e que são importantes para a transformação que se busca. Continua centrada nos conteúdos curriculares que não abrangem os temas da vida, tampouco os temas subjetivos que constituem os seres humanos, ou seja, é uma educação que enfatiza o aspecto intelectual, da aquisição de conhecimentos, em detrimento dos aspectos emocionais e afetivos e dos aspectos instintivos que fazem parte da totalidade humana. Continua, hegemonicamente falando, a ser um sistema a serviço da cultura de exclusão, da cultura patriarcal sob a qual se vive, sob um sistema capitalista selvagem que, literalmente, alija grande parte da população, empurrando-a à marginalidade. Os

Educadores também estão imersos nessa cultura excludente e é importante que passem por um processo pessoal de transformação para que possam contribuir com a construção de uma “escola nova”.

A atitude passiva de somente culpar o sistema leva à vitimização e à impotência diante da realidade. Todos são responsáveis pela construção e desconstrução contínua da realidade em que vivem e podem contribuir com suas ações, com sua postura diante da vida, para a transformação social e a construção de um espaço de interação onde a vida seja o bem supremo.

Meu propósito principal, com este trabalho, foi o de provocar uma reflexão sobre o potencial da *Biodanza* como caminho para a transformação social, sendo que este caminho passa necessariamente pela transformação do ser individual e das suas relações interpessoais. Acredito na transformação da sociedade não como uma ideologia, mas como uma vivência que se constrói cotidianamente mediante as ações e expressões tanto individuais quanto coletivas, nas quais a coerência com o que se propõe se faça sentir.

Assim sendo, é essencial, do ponto de vista da transformação social proposta pelo Sistema *Biodanza*, que cada ser humano possa exercitar cotidianamente a coerência entre o que diz e faz, sendo e vivendo sua proposta de mundo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **O amor que acende a lua**. 15 ed. Campinas: Papyrus, 1999.
- BOFF, L. **Ética da Vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.
- BETTO, F. **Gosto de Uva: escritos selecionados**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- EDUCAÇÃO Biocêntrica: Um movimento de construção dialógica. Fortaleza: [s.n.], 1999.
- FERREIRA, J. H. **De corpo e alma: relações entre a Psicologia Analítica de Yung e o Sistema Biodança**. São Paulo: Olavobrás, 1997.
- FREIRE, P. **A canoa**. Disponível em <http://www.bilibio.com.br/mensagem/209/A+Canoa.html>. Acesso em_17/11/2013.
- HEIDEGGER, M. **Da experiência do pensar**. Tradução: Maria do Carmo Tavares de Miranda. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.
- LEMONS, Sanclair. As linhas de vivência. **Pensamento Biocêntrico**, Pelotas, nº 3, abr/jun/2005. Revista Eletrônica.
- LOWEN, Alexander. **Prazer: uma abordagem criativa da vida**. Tradução: Ibanez de Carvalho Filho. 7. ed. São Paulo: Summus, 1970.
- MATURANA, H.; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amor y Juego – Fundamentos Olvidados de lo Humano: desde el patriarcado a la democracia**. Santiago: Editorial Instituto de Terapia Cognitiva, 1993.
- _____. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Tradução: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- POWELL, J. J. **Por que tenho medo de lhe dizer quem sou?: insights a respeito do auto-conhecimento, do crescimento pessoal e da comunicação interpessoal**. Belo Horizonte: Crescer, 1986.
- SAMS, J. **As Cartas do Caminho Sagrado: A descoberta do ser através dos ensinamentos dos índios norte-americanos**. Tradução: Fabio Fernandes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- TEZZA, M. C. M. S. **Metodologia Socioterápica: Um Processo para o Despertar da Consciência**. Curitiba: A Consciência, 2004.
- TORO, R. **Teoria da Biodanza – Coletânea de Textos**. Fortaleza: ALAB, 1991.
- _____. **Afectividad**. Curso de Formación para Profesores de Biodanza de la Escuela Modelo de Biodanza Sistema Rolando Toro – Chile. Santiago: [s.n.], [200?].

_____. **Biodanza**. Tradução: Marcelo Tápia. São Paulo: Olavobrás, 2002.

_____. **Bons Flúidos**, São Paulo, nº 131, fevereiro/2010.

_____. **Inteligencia Afectiva**: la unidad de la mente con el universo. Santiago: Cuartopropio, 2012.

TORO, V.; TERRÉN, R. **Biodanza**: poética del encuentro. Buenos Aires: Lumen, 2008.

ANEXO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM QUESTÃO SOCIAL NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

CARTA DE INTENÇÃO

No primeiro semestre de 1975, aos 17 anos, ingressei no Curso de Serviço Social, na Universidade Federal de Santa Catarina. Era uma jovem sonhadora e ingênua, sem visão e consciência crítica da realidade.

É antiga em mim a indagação: “De que maneira posso contribuir para transformar a sociedade em que vivemos? Qual é meu papel, qual a minha verdadeira contribuição?” Talvez, mesmo não tendo isto muito claro, este tenha sido o chamado para que eu ingressasse no curso de Serviço Social. Na época eu tinha a ideia fantasiosa de “ajudar aos pobres”, mas sem uma compreensão da dimensão contextual em que esta ideia estava inserida.

O Serviço Social tornou-se frustrante, pois não conseguia responder, de forma significativa, à realidade social, sendo, muitas vezes, um mero instrumento de adaptação do ser humano a uma sociedade injusta e desumana. Defrontava-me com uma série de limitações: materiais, financeiras, institucionais e outras de caráter teórico-filosófico; além das minhas próprias limitações individuais em termos de conhecimento, de compreensão da realidade, de vivência, enfim.

Esse contexto me levou à formação em Socioterapia em 1992, buscando formas inovadoras de atuar com o ser humano e de contribuir com seu processo de autonomia para que pudesse assumir em suas mãos a transformação de sua vida e de seu meio. Da Socioterapia fui encaminhada para a Biodanza, sistema de desenvolvimento de potencialidades humanas, que coloca o desenvolvimento do potencial afetivo como base para a transformação social. Ao longo da formação, comecei a vislumbrar a possibilidade de resgate da minha relação com a questão social, da qual sentia-me afastada e alienada, por total sentimento de impotência diante da realidade.

Estou afastada do exercício profissional desde 2001. Trabalho desde 2005 em uma ONG que atende pessoas com transtornos mentais, coordenando o projeto “Serviço Residencial Terapêutico” que oferece moradia para egressos de hospitais psiquiátricos, onde viviam em situação asilar. Não fui contratada como Assistente Social. No entanto, tenho contato com a área porque trabalhamos o resgate da cidadania e a inclusão social dos moradores.

Há uns três anos, aproximadamente, começou a brotar em mim o desejo de retomar a profissão de Assistente Social e fiz alguns concursos públicos como experiência. No entanto, sei que necessito de atualização profissional, para garantir uma atuação adequada às exigências da atualidade.

A área social é dinâmica e envolve uma gama de dados, informações, conhecimentos que a fundamentam e sustentam, exigindo que os profissionais sejam ativos, criativos, abertos às mudanças, com visão global e crítica da realidade, para dar conta das solicitações atuais da profissão. Esta tem se redefinido desde sua criação até os dias atuais, para adaptar-se às novas realidades e atender às demandas sociais que se configuram nos novos contextos.

Tomei conhecimento desse curso de especialização oferecido pela UFPR Litoral creio que no ano passado ou final de 2010 e, desde então, tenho aguardado a oportunidade de me inscrever para realizá-lo, na expectativa de atualização profissional com qualidade, da aquisição de uma base teórica e metodológica que possibilite a atuação profissional integrada às exigências da realidade atual. Sinto que agora tenho vivência e maturidade para aproveitar esse curso. Será a minha primeira pós-graduação.

O Projeto Político Pedagógico da UFPR Litoral foi construído a partir da concepção da universidade comprometida com o desenvolvimento socioeconômico da região onde está inserida, reconhecendo a importância de seu papel social como “agente fomentador de leitura crítica da realidade e, fundado nela, construir conhecimentos que viabilizem a intervenção nessa realidade e possibilitem a construção de novas teorias”. Parte de uma “concepção de educação anti-hierárquica e anti-exclusivista”, e tem como meta do processo educativo “o desenvolvimento integral não apenas no aspecto cognitivo, mas também nos aspectos afetivos e sociais, em uma perspectiva emancipatória e de protagonismo de seus sujeitos e de suas coletividades”. Nesse pequeno recorte do PPP-UFPR Litoral, vislumbro uma atualização profissional com qualidade, com a expectativa de me tornar apta para o retorno à profissão, ampliando-se as minhas possibilidades de atuação profissional.

Curitiba, 17 de julho de 2012.

Margarete Pereira Bosa